



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Centro de Educação e Ciências Humanas

Departamento de Comunicação Social

Curso de Cinema e Audiovisual

COMPORTA

Uma caminhada pela criação

Proposta de roteiro de curta-metragem ficcional

São Cristóvão

2024

Douglas Santos Barros

Comporta

Uma caminhada pela criação
Proposta de roteiro de curta-metragem ficcional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe, para a obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual, sob a orientação da Prof. Dr. Ana Ângela Farias Gomes e coorientação do Prof. Msc. Victor Adriano Ramos.

São Cristóvão
2024



Figura 1 - Fotografia comigo, minha mãe e minha irmã à beira de um rio.

Fonte: Arquivo pessoal.

AGRADECIMENTOS

Em algum momento da minha trajetória acadêmica, ouvi a seguinte frase: “Nós só existimos quando narrados pelo outro”. Isso me fez perceber que não criamos apenas para nós mesmos; criamos em conjunto e para o outro. Pensando em minha vivência artística e no processo de escrita, abracei essa ideia como uma força que nos move e nos mantém no caminho certo. Neste projeto, que fala tanto sobre minhas experiências, vejo que essas vivências só se tornam possíveis pelos laços que construí ao longo do caminho. Assim, escrevo e agradeço àqueles que se permitiram criar, sonhar e inventar suas próprias narrativas, pois elas me atravessam e me reinventam constantemente.

Agradeço ao cinema e toda arte que me cerca, tanto por me inspirar em seguir criando quanto por me amparar em momentos em que apenas mergulhando em uma obra artística pude encontrar o que me faltava.

Agradeço ao meu pai Dário (*in memória*), que me trazia filmes para assistir na televisão de casa e, que mesmo entre nossos silêncios, fez surgir uma paixão gritante dentro de mim.

Agradeço à minha orientadora, Ana Ângela, por conduzir e entender meus processos com maestria, sempre alimentando minha força para continuar e acreditando na importância deste trabalho.

Agradeço também à banca convidada, por serem parte essencial deste momento, trazendo instrução, sabedoria e direcionamento.

Agradeço a todos os professores e profissionais que fizeram parte da minha jornada acadêmica e profissional, entendendo a educação como um espaço de afeto, acolhimento e formação.

Agradeço à Mileise, que, através da fala e da escuta, me permitiu enxergar a mim mesmo e caminhar meus próprios caminhos com mais leveza.

Imensamente agradeço a minha mãe Lígia, por sempre me apoiar, me incentivar, e ser esse lugar onde sempre posso voltar. Minha criação parte do seu desejo de me inventar e fazer existir.

Agradeço também à toda minha família que sempre esteve presente, em especial ao meu tio Jailson e minha tia Christiane, pela presença e conselhos de quem sonha como eu. À minha vó Lídia, por sempre ser uma porta aberta aos momentos de alegria.

Por fim, agradeço aos meus amigos e à minha companheira Erika. Vocês são as margens seguras de afeto e amor que me guiam pelo rio da vida.

RESUMO

O projeto Comporta consiste na criação de um roteiro de curta-metragem que explora as relações entre identidade e território. O processo de escrita está intimamente ligado à história pessoal do autor e ao território de Paulo Afonso, cidade onde cresceu, e à protagonista Glória, que retorna à sua cidade natal em busca de reconciliação. O projeto utiliza o conceito de invenção, conforme descrito por Virgínia Kastrup, abordando a criação como um processo contínuo de transformação, no qual o território e as vivências se entrelaçam de maneira imprevisível. Além disso, a narrativa é fundamentada nos estudos de Stuart Hall, que explora a identidade como uma construção fluida e histórica, bem como nas reflexões de Maria Helena Braga e Vaz da Costa sobre a construção cultural do espaço no cinema. Comporta não é apenas um filme sobre o retorno a um espaço geográfico, mas também uma jornada de autodescoberta e reinvenção, onde as memórias, o território e a identidade do autor se refletem na construção da narrativa cinematográfica.

Palavras-chave: roteiro, território, identidade, processo criativo, invenção, Paulo Afonso.

ABSTRACT

The project *Comporta* consists of the creation of a short film script that explores the relationships between identity and territory. The writing process is closely tied to the author's personal history and the territory of Paulo Afonso, the city where he grew up, and to the protagonist, Glória, who returns to her hometown in search of reconciliation. The project utilizes the concept of invention, as described by Virgínia Kastrup, approaching creation as a continuous process of transformation, where territory and personal experiences intertwine unpredictably. Additionally, the narrative is grounded in the studies of Stuart Hall, who explores identity as a fluid and historical construction, as well as in the reflections of Maria Helena Braga and Vaz da Costa on the cultural construction of space in cinema. *Comporta* is not just a film about returning to a geographical space, but also a journey of self-discovery and reinvention, where the author's memories, territory, and identity are reflected in the construction of the cinematic narrative.

Keywords: script, territory, identity, creative process, invention, Paulo Afonso.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Fotografia comigo, minha mãe e minha irmã.	3
Figura 2 - Cânions do Rio São Francisco	14
Figura 3 - Ponte Dom Pedro II, também conhecida como Ponte Metálica.	15
Figura 4 - Placa posta na ponte Dom Pedro II com mensagens religiosas.	16
Figura 5 - Fotografia comigo e minha irmã aproximadamente 20 anos atrás.	18
Figura 6 - Pichação na beira da ponte Dom Pedro II	22
Figura 7 - Postes conduzindo fios de alta tensão através do Rio São Francisco.....	24
Figura 8 - Registros das ruas de Paulo Afonso	25
Figura 9 - O Céu de Suely (2006)	64
Figura 10 - O som ao redor (2013).....	65
Figura 11 - Dois dias, uma noite (2014).....	67
Figura 12 - Memória (2022).....	67
Figura 13 - Obras de Edward Hopper.....	68
Figura 14 - Memória (2022)	69
Figura 15 - Paris, Texas (1984).....	69
Figura 16 - O homem de Londres (2007)	70
Figura 17 - Cânions do Rio São Francisco.	76
Figura 18 - Mulher sobre a ponte Metálica.....	76
Figura 19 - Momentos da procissão de São Francisco de Assis.	77
Figura 20 - Ruas de Paulo Afonso.....	77
Figura 21 - Monumento O Touro e a Sucuri.....	77
Figura 22 - Trecho do poema de Castro Alves	77
Figura 23 - Áreas arborizadas da cidade de Paulo Afonso.	77

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	SOBRE UM TERRITÓRIO A SER (RE)INVENTADO.....	12
	2.1. Uma caminhada entre espaços, representações e invenções	12
	2.2. Uma cidade inventada.....	13
	2.3. O meu não-lugar	16
3.	CONCEPÇÃO DO ROTEIRO	19
	3.1. Processos de criação, o íntimo criador.....	19
	3.2. O retorno	21
	3.3. Constantes reinvenções.....	25
	3.4. O acolhimento	27
	3.5. A psicanalista	28
	3.6. Novas invenções para o futuro.....	29
4.	DADOS TÉCNICOS	32
	4.1. Formatação	32
	4.2. Personagens	32
	4.3. Sinopse	34
	4.4. Argumento.....	34
5.	ROTEIRO LITERÁRIO.....	41
6.	DELINEAMENTO ESTÉTICO	64
	6.1. Espacialidade	64
	6.2. A relação espaço-personagem.....	65
	6.3. Tempo e silêncios de cena.....	67
	6.4. Proposta de fotografia	68
	6.5. Proposta de som	71
	6.6. Personagem.....	72

6.7. Montagem	72
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
APÊNDICE	76

1. INTRODUÇÃO

O território é uma questão que nos coloca em contraste com o que somos e quem podemos nos tornar. Somos imigrantes da nossa morada, resgatar nossas origens é carregar raízes e rachaduras. O processo da ida pode ser distinto para cada um, mas a volta é sempre um ritual de observação e questionamento – tanto do que mudou quanto do que insiste em permanecer. *Comporta* é sobre esse lugar que voltamos ou que permanece no passado, onde à medida que nos conhecemos, percebemos também o quanto desse lugar carregamos em nós e o quanto ele pode nos machucar ou salvar. Paulo Afonso é um desses territórios. Construída nos ombros de outros à procura de oportunidades, muitos encontraram a morte – os que sobreviveram, viram surgir um lugar de possibilidades que com o passar dos anos já não agarram mais seus moradores.

Paulo Afonso é uma das cidades com maior índice de desemprego e de suicídios do interior da Bahia. Banhada pelo Velho Chico¹, as usinas inundaram cidades e memórias, modificaram costumes e a paisagem. Falar de Paulo Afonso e resgatar seu passado é falar de outros interiores, seja o nordestino que visa o litoral próspero, ou as relações que nos puxam de volta a questionarmos quem somos. No caso de Paulo Afonso, sua representação no cinema, se existente, pode oferecer insights sobre como a cidade foi percebida ao longo do tempo, enquanto o meu roteiro de curta-metragem propõe uma nova visão da cidade, desconhecida para muitos espectadores.

Meu processo criativo se mistura com minha história pessoal e o território em que cresci, assim como a invenção descrita por Kastrup (2012), que se faz a partir de memórias e fragmentos do passado que não se recombina de forma previsível. O ato de escrever o roteiro e de criar a narrativa de Glória é, para mim, uma maneira de me reinventar durante o processo, transformando minhas experiências e vivências em algo novo e imprevisível. Além disso, o roteiro utiliza os elementos do território e da memória, não apenas para contar uma história linear, mas para criar uma atmosfera que dialoga com questões emocionais e identitárias. Isso reforça a ideia de que a invenção é um processo tanto de auto invenção quanto de invenção do mundo ao meu redor.

¹ O Rio São Francisco é popularmente conhecido como Velho Chico, um apelido carinhoso dado ao rio pelas populações ribeirinhas, simbolizando a proximidade e importância histórica e cultural do rio para as comunidades ao longo de sua extensão. O nome São Francisco foi dado pelo explorador Américo Vespúcio, que avistou o rio no dia 4 de outubro, dia de São Francisco de Assis, durante uma expedição no século XVI. Disponível em: <https://cbhsaofrancisco.org.br> e <https://chc.org.br>. Acesso em: 22 out. 2024.

Este trabalho consiste na produção de um roteiro de curta-metragem intitulado *Comporta*, explorando meu processo criativo em conexão com o território e sua capacidade de modificar identidades. Para isso analiso os estudos de Stuart Hall (2006) em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade”, para entender como o espaço geográfico não é apenas um cenário estático, mas um agente ativo na formação e transformação das identidades, algo que ressoa profundamente no meu processo de criação, refletindo em inquietações relacionadas a minha vivência, como o sentimento de não-pertencimento que utilizo dos estudos de Pereira (2020) para entender como o não-lugar da pessoa parda é reflexo de uma política de embranquecimento e deslocamento. Ao mesmo tempo, integro as reflexões de Maria Helena Braga e Vaz da Costa (2013) sobre o cinema como construção cultural do espaço geográfico, ressaltando como o olhar do cineasta molda a percepção e interpretação dos lugares filmados.

Diante desse cenário, o projeto *Comporta* não é apenas uma obra cinematográfica sobre o retorno de Glória à sua cidade natal, Paulo Afonso, mas também um espelho do meu processo criativo. Assim como a protagonista, revisito minhas memórias, questionamentos e experiências que moldaram minha própria visão de mundo e o percurso que me levou a transformar essas inquietações em arte. O curta-metragem surge como uma plataforma para explorar como o território e a identidade se entrelaçam, tanto no nível pessoal quanto no coletivo. Paulo Afonso, com sua história de transformação social e geográfica, é o palco tanto para o desenvolvimento da narrativa quanto para o meu próprio processo de criação, que encontra na cidade o combustível para um mergulho íntimo e reflexivo.

Comporta é, portanto, mais que uma história sobre retorno: é uma jornada criativa em que a arte reflete o diálogo entre mim, o espaço e as memórias que permeiam minha vivência.

2. SOBRE UM TERRITÓRIO A SER (RE)INVENTADO

2.1. Uma caminhada entre espaços, representações e invenções

A imagem cinematográfica surge juntamente com o crescimento e elevação das cidades, proporcionando com que o cinema desempenhe um papel significativo na forma como elas são percebidas e conhecidas. Embora a imagem fílmica seja frequentemente interpretada como uma representação objetiva do espaço geográfico, investido na ideia de que ela é muito mais como uma construção complexa que reflete as perspectivas e intenções do cineasta. Assim, a imagem fílmica não pode ser avaliada simplesmente como a manifestação do espaço em si, mas sim como uma interpretação particular do espaço, mediada pelo olhar do artista e pelos contextos sociais, culturais e políticos (Bauriedl e Strüver, 2011 apud Braga e Costa, 2013). Segundo essa abordagem, o cinema, ironicamente em especial por meio dos filmes de ficção, não apenas observa e torna visivelmente conhecidos os espaços transitados e vividos pelo ser humano, mas também auxilia na apropriação desses espaços, em sua unidade e diversidade artística (Braga e Costa, 2013).

Ao situar a narrativa em locais específicos, os filmes constroem uma relação entre a ficção e o mundo real das relações sociais. Esta escolha de localização não só influencia a história e os personagens, mas também oferece insights sobre as dinâmicas sociais e culturais desses espaços geográficos específicos. No caso deste projeto, a escolha de situar a história e seus personagens em Paulo Afonso/BA implica uma reflexão sobre as dinâmicas sociais e culturais da cidade, uma vez que compartilho e questiono esses elementos.

Ao longo da história do cinema, as representações cinematográficas das cidades têm contribuído para moldar nossas imaginações sobre as cidades e influenciar nossa compreensão das dinâmicas urbanas, como explica David Crang (1998, p.:44 apud Braga e Costa, 2013): "... o conhecimento da maioria das pessoas sobre a maioria dos lugares se adquire através da mídia de vários tipos, de maneira que, para a maioria das pessoas, a representação vêm antes da realidade". Logo, minha intenção aqui é pensar quais fatores foram importantes para a criação dessas representações, de maneira a intervir na minha forma de olhar ou se relacionar com determinado espaço para a construção de uma narrativa fílmica.

Ao explorar aspectos sociais e políticos específicos da região baiana, ou até mesmo ao desafiar estereótipos enraizados sobre o Nordeste, como a representação comum de uma região marcada pela pobreza, aridez e conservadorismo, busco oferecer uma nova perspectiva. Pretendo destacar um Nordeste que muitas vezes é negligenciado no audiovisual brasileiro: uma terra de vegetação verde, rios majestosos e cidades complexas, mas que não deixam de abarcar

suas especificidades e problemas. Assim, minha intenção não é meramente filmar esse mundo existente em Paulo Afonso, mas sim trazer uma representação dessa cidade baseada em minhas próprias vivências, que se confrontam com as já existentes dentro do imaginário da população, e se somam com a criação de uma nova narrativa que desloca e reinventa o espaço representado.

Eu como sujeito criador da narrativa cinematográfica utilizo dessas representações geográficas, mais especificamente a paisagem pauloafonsina, como forma de criar novas representações e invenções sobre esse lugar, observando como seus diferentes aspectos se entrelaçam para dar forma à experiência cinematográfica e à compreensão do espaço geográfico. Assim, assumindo o papel do sujeito criador, que traz para o campo artístico suas inquietações internas derivadas da sua relação com o mundo (tratado aqui como território), fazendo surgir um novo mundo.

2.2. Uma cidade inventada

Paulo Afonso emergiu a partir da construção de usinas hidrelétricas desde 1913. Estrategicamente localizada na parte alta do Rio São Francisco, e com relevo propício para a geração de energia, a região atraiu um grande contingente de pessoas deslocadas para a construção das barragens, que acabaram se estabelecendo nesse território. O processo de construção das usinas, apesar de promissor economicamente, foi marcado por tragédias decorrentes da precariedade dos dispositivos de segurança dos trabalhadores e da dificuldade de acesso ao terreno (as usinas estão situadas nos cânions do Velho Chico), resultando na perda de várias vidas em acidentes, incluindo deslizamentos de rochas (GALDINO; MASCARENHAS, 1995). Além disso, as construções das barragens tiveram impactos significativos em territórios indígenas, cidades e povoados ribeirinhos, causando inundações que obrigaram os habitantes a abandonarem seus lares, incluindo entes queridos sepultados nos cemitérios locais. Assim, o rio inundou não apenas o que era material, mas atingiu principalmente a relação das pessoas com aquele espaço.

Figura 2 - Cânions do Rio São Francisco em Paulo Afonso/BA. Ao fundo a usina hidrelétrica PA4.



Fonte: Autor.

Os aspectos políticos estão intrinsecamente ligados ao fenômeno do coronelismo moderno, que permeia os mandatos municipais, algo comum em cidades do interior do Brasil. Devido à herança histórica do coronelismo, é frequente que o poder local seja concentrado em uma ou algumas famílias proeminentes, cujo controle político é transmitido através das gerações. Isso resulta em uma falta de diversidade na composição dos cargos políticos, propiciando a ocorrência de casos de nepotismo, onde agentes públicos utilizam sua influência para favorecer familiares. Essas práticas são muitas vezes toleradas devido à forte influência que essas famílias exercem nos diversos setores da região, criando uma estagnação econômica e principalmente cultural, uma vez que as políticas públicas tendem a favorecer determinados comércios e organizações e deixam de lado ações afirmativas que incentivem a produção cultural local.

Esses fatores contribuem para criar uma região com poucas perspectivas de vida, para além do comércio local e dos setores primários. Muitos jovens veem na mudança para capitais próximas uma alternativa para buscar educação especializada e oportunidades de trabalho. No entanto, muitos enfrentam dificuldades ao buscar apoio social e psicológico na região, agravando situações de vulnerabilidade social decorrentes de violência, dificuldades financeiras ou de saúde.

Além disso, é importante destacar que o machismo exerce um grande peso nas causas de suicídio na cidade. Para os homens, que apresentam uma maior estatística de morte por automutilação no país², lidar com questões relacionadas à saúde mental ainda é um tabu, principalmente nas cidades do interior nordestino, que é frequentemente associado ou à ideia de fragilidade e incompetência, ou a uma crença religiosa de que se trataria de uma ação demoníaca e perversa, experiência que eu tive contato diretamente na minha adolescência: uma amiga do colégio, ao receber a notícia que um parente seu havia morrido por suicídio, ficou triste porque esse tipo de morte não era bem visto na sua comunidade católica. Ao questioná-la o porquê, ela disse: “Você sabe, né? Isso é tentação do diabo”. Essa estigmatização só dificulta ainda mais a busca por ajuda e contribui para o agravamento da crise de saúde mental na região.

Figura 3 - Ponte Dom Pedro II, também conhecida como Ponte Metálica.



Fonte: Imagem da web. Disponível em <https://vivaosertao.com.br/>.

² De acordo com o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), a taxa de mortalidade por suicídio entre homens é consideravelmente superior à das mulheres. Em 2019, por exemplo, essa taxa foi de 10,7 por 100 mil habitantes entre homens, enquanto para mulheres foi de 2,9 por 100 mil habitantes. Esses dados revelam uma predominância masculina em mortes violentas, incluindo suicídios e automutilação grave.

Figura 4 - Placa posta na ponte Dom Pedro II com mensagens religiosas.



Fonte: Autor.

2.3.O meu não-lugar

O conceito de identidade parda surge de uma mistura racial resultante das relações entre pessoas brancas, negras e indígenas. Segundo o manual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), “pessoas com uma mistura de cores de pele, seja essa miscigenação mulata (descendentes de brancos e negros), cabocla (descendentes de brancos e ameríndios), cafuza (descendentes de negros e indígenas) ou mestiça”. No entanto, a construção da identidade parda é marcada por um processo de embranquecimento e segregação que desqualifica as origens negras ou indígenas, marginalizando-as dentro de sua própria história e identidade. Como ressalta Pereira (2020), “o significado de parda(o) se relaciona também à política pública de branqueamento da população brasileira, implementada nas primeiras décadas do período republicano, sob o respaldo de teorias racistas e eugênicas”.

Esse sentimento de não pertencimento e de ausência de uma identidade fixa também ressoa no meu processo de escrita do projeto Comporta. Ao tratar da jornada de Glória, uma mulher que retorna à sua cidade natal, Paulo Afonso, percebo que a fluidez da identidade, assim como os desafios de reconciliação com o território, permeia não só a personagem, mas também meu próprio percurso criativo. A narrativa de Glória envolve o deslocamento, o retorno a um espaço que, embora familiar, já não a acolhe da mesma forma. Esse retorno carrega uma complexidade similar ao que Stuart Hall (2006) discute sobre os deslocamentos identitários,

onde a busca por pertencimento em um local que já não oferece os mesmos elos naturais gera um sentimento de estranhamento e desconexão.

Isso ecoa o dilema de Glória, que, ao retornar, percebe que a cidade, que um dia representava suas raízes, agora simboliza a distância emocional e o peso de memórias e conflitos internos. Assim como a identidade parda, marcada por uma instabilidade e fluidez, o projeto *Comporta* explora as tensões entre o pertencimento e o não-lugar, temas que também atravessam minha vivência pessoal.

A identidade de Glória, assim como a minha ao construir essa narrativa, se revela como um reflexo das constantes transformações do espaço e da história que nos atravessam. Hall (2006, p. 20) ressalta que “a identidade não possui uma essência fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel. Definida historicamente e não biologicamente. Logo, a ideia de uma identidade unificada se torna fantasiosa”. Essa fluidez, tanto no campo identitário quanto no da criação, faz parte do meu processo de escrita em *Comporta*. Ao revisitar minhas próprias experiências e o território de Paulo Afonso, crio um espaço narrativo onde a identidade não é uma resposta final, mas um caminho contínuo de invenção e redescoberta.



Figura 5 - Fotografia comigo e minha irmã aproximadamente 20 anos atrás.

Fonte: Arquivo pessoal.

3. CONCEPÇÃO DO ROTEIRO

*Aos que entram no mesmo rio outras águas
afluem; almas exalam do úmido. Nos mesmos
rios entramos e não entramos, somos e não
somos*
Heráclito

3.1. Processos de criação, o íntimo criador

A cerimônia do Oscar de 2020 foi marcada por surpresas que capturaram a atenção de todos os espectadores. Em um gesto inédito, a Academia de Hollywood abriu espaço para filmes estrangeiros em suas categorias principais, culminando na consagração de um filme sul-coreano e de seu diretor com os prêmios de Melhor Filme e Melhor Direção, respectivamente. Este momento foi profundamente inspirador para mim, pois despertou a convicção de que um dia eu também poderia subir ao palco daquele prestigioso evento. No entanto, o aspecto mais marcante daquela noite foram as palavras proferidas pelo vencedor do prêmio de Melhor Direção, Bong Joon-ho. Ao citar uma frase de Martin Scorsese - "O pessoal é o mais criativo" - Bong Joon-ho não apenas compartilhou uma importante reflexão, mas também me instigou a explorar o meu próprio interior em busca de fontes de inspiração³. Esse processo de autoexame e busca pessoal revelou-se para mim como uma jornada artística, na qual percebi que a inspiração não é algo distante ou estrangeiro, mas sim um fluxo contínuo que pode ser encontrado dentro de nós mesmos.

Esse processo me resgatou às obras de Manoel de Barros, onde com maestria ele relaciona a poética do cotidiano com questões filosóficas complexas. "Tudo que não invento é falso. Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira. Tem mais presença em mim o que me falta." (Barros, 1996). Esse trecho reforça a ideia de que a poesia e a criação literária transcendem o real e se aprofundam na imaginação, no mundo interior do poeta. Para Manoel, criar é uma forma de reimaginar o mundo, e essa invenção faz parte da verdade poética. Assim como a Academia do Oscar voltou seus olhares para novas narrativas, eu também redirecionei minha atenção para as fontes de criação que residem em minha própria essência e assim como Manoel, pensar em como reinventar o mundo ao meu redor.

Nos meses seguintes, a pandemia do vírus COVID-19 se disseminou globalmente, resultando em orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para períodos de

³ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/henrique-balbi/coluna-parasita-bong-joon-ho-a-licao-artistica-de-martin-scorsese-24244418>>. Último acesso em: 20 out. 2024.

quarentena prolongados. Foi o período em que passei mais tempo afastado de Paulo Afonso, totalizando mais de três anos desde minha última visita (considerando que já estava há algum tempo sem retornar à cidade antes mesmo da pandemia). Foram momentos em que o âmbito pessoal não foi olhado como potência de criação, mas sim com cuidado e preocupação. Ainda assim, ao longo dos meses que se seguiram, surgiram questionamentos sobre o quanto eu mudei desde que deixei a região onde nasci, e como seria retornar para esse lugar após tanto tempo.

Partir representou uma significativa mudança em minha vida, mas por que, afinal, o ato de retornar sempre se faz necessário? Até que ponto minha essência ainda está enraizada naquele local e o quanto daquela terra eu trouxe comigo em minha jornada? Essas indagações me instigaram a refletir sobre a complexidade desse reencontro com minhas origens e a importância de me reconectar com as raízes que moldaram minha identidade, iniciando o processo de pensar a construção de uma obra artística que representasse minhas inquietações. Fazer da arte não apenas uma forma de me expressar com o mundo, mas que através dela possam ser encontradas as repostas das questões que me atravessam:

A obra de arte pode ser uma interrogação da vida e da história e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de resposta. Mais do que um segredo da criação subjetiva ou pura expressão da sensibilidade humana é a arte capaz de apresentar um lado ignorado ou mesmo esquecido do mundo habitado pelos homens. (BARBOSA, 2000, p. 70).

Nos meses finais de 2020, durante o período das eleições municipais brasileiras, foi que me deparei com outras palavras que seriam fundamentais para a criação deste projeto. Curiosamente, essas palavras não foram proferidas oralmente, mas sim registradas por escrito. Uma matéria do jornal Correio da Bahia trouxe à tona uma informação que me surpreendeu, mas que, de certa forma, não era novidade para mim. A matéria de Fernanda Santana destacava que Paulo Afonso, uma cidade com aproximadamente 120 mil habitantes no interior da Bahia, foi classificada como a cidade com o maior índice de suicídios do estado⁴. Os principais motivos apontados foram a falta de estrutura, o machismo e o estigma em relação à saúde mental.

Importante ressaltar dois aspectos relevantes: em primeiro lugar, sou natural de Paulo Afonso, onde nasci e vivi até os meus 19 anos; em segundo lugar, durante o período em que vivi na cidade, o tema do suicídio era recorrente. Todos os anos, notícias sobre pessoas que

⁴ Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/bahia/futuros-apagados-mortes-por-autolesao-cresceram-59-no-interior-baiano-em-10-anos-0920>. Último acesso em: 20 nov. 2024.

tiraram suas próprias vidas eram comuns, muitas delas jovens ou após a realização de atos criminosos. A partir da leitura desta matéria, fui confrontado com algo que sempre esteve presente em meu ambiente, mas só agora, com uma perspectiva diferente, que pude compreender mais profundamente e me direcionar de volta às minhas raízes. Ironicamente, ao buscar algo íntimo, percebi que foi a distância da minha origem que me despertou o interesse em explorá-la.

Todas essas reflexões surgem a partir de uma introspecção. Nesse contexto, pude finalmente compreender a essência do que Scorsese e Bong J. H. estavam expressando. Produzir cinema, ou mais amplamente, criar arte, significa canalizar nossas inquietações e transformá-las em uma fonte de criação, uma vez que, em sua essência, possuem uma dimensão universal. Como evidencia Barbosa (2000) em seus estudos nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos de Marx (1984) sobre o papel da arte na constituição de novas formas de percepção, passei a me identificar como um sujeito construtor e modificador do mundo ao meu redor ou da narrativa que crio para esse mundo, pois “adentrar no terreno da arte como possibilidade de inquirir/decifrar o mundo construído/construtor dos sujeitos sociais significa tomar as representações como artifício de construção de nossas leituras e reflexões sobre o espaço geográfico” (Barbosa, 2000, p. 72).

A partir disso comecei a construir um roteiro ficcional que trouxesse em sua narrativa todas essas questões em torno do espaço/território, sendo a cidade de Paulo Afonso e suas individualidades o palco principal da história, trazendo uma protagonista que retorna para esse lugar. Movido por uma mistura de revolta e inspiração, surge a mente um primeiro nome para o projeto que viria a se tornar uma fonte contínua de inspiração: *Comporta*.

3.2. O retorno

"VIVA". Essa foi a primeira palavra que encontrei ao cruzar a Ponte Dom Pedro II, mais conhecida como Ponte Metálica. A pichação na beira da ponte já parecia me indicar como seria meu retorno a Paulo Afonso. Após três anos sem atravessar os cânions, e agora com o projeto de roteiro fervilhando na cabeça, aquela palavra, que antes passaria despercebida, desperta em mim uma sensação estranha, oscilando entre o reconhecimento dessa paisagem e um processo de reinvenção do mesmo lugar. Ela me faz enxergar um novo significado para o espaço. No olhar da câmera que carrego nas mãos, aponto, foco, registro.

Figura 6 - Pichação na beira da ponte Dom Pedro II.



Fonte: Autor.

Ao adentrar mais na cidade, o estranhamento se torna mais concreto. Ele se desenrola em ruas que deixaram de existir, em novas estruturas, nas pessoas que parecem as mesmas, mas com a sensação de que não compartilho mais da mesma vivência que elas. Me sinto como um estrangeiro que ninguém enxerga, pois ele mora dentro de mim, se construindo à medida que atravesso as pontes. Estas, curiosamente, permanecem do mesmo jeito, mas agora com mais carros e pés cruzando seus alicerces. Sinto e não sinto. Parece que estou tentando construir um novo caminho sobre outro que já existia há muito tempo, apenas encoberto pelo mato. Mato, não. Baronesas.

Dentre tantas mudanças, o que mais me chama atenção está na água, ou melhor, por cima dela. As plantas baronesas, arrastadas pela correnteza, acumularam-se em grande quantidade à beira do rio, criando um vasto manto verde. O local onde eu costumava tomar banho quando era mais jovem agora está tomado por elas. Normalmente, essas plantas sempre estiveram presentes no curso do rio, mas em pequenas quantidades. Porém, na época de chuvas, e por fatores externos como as barragens e a poluição, as baronesas se multiplicam e se acumulam⁵.

⁵ A baronesa (*Eichhornia crassipes*), também conhecida como aguapé ou jacinto-d'água, é uma planta aquática flutuante nativa da América do Sul, com folhas brilhantes e flores lilás-azuladas. Embora ornamental, pode se tornar uma espécie invasora fora de sua área nativa, crescendo rapidamente e formando tapetes densos que bloqueiam a luz solar e reduzem o oxigênio, prejudicando a biodiversidade e a qualidade da água. Sua capacidade de absorver poluentes a torna útil em sistemas de filtragem de água.

A "infestação" das baronesas me fez pensar no quanto me desloquei da natureza daquele lugar. Crescer com os pés descalços no chão de terra, me banhando no Rio São Francisco ou tentando adivinhar as constelações no céu noturno formaram as memórias que carrego de lá. Depois de anos morando em Aracaju/SE, os banhos não eram mais de água doce, os calos se secaram, e o céu foi encoberto por luzes e antenas. Eu sentia falta daqueles elementos. Ao ver o rio tomado pelas plantas, comecei a pensar na protagonista do meu roteiro, uma mulher que, assim como o rio, deixou de fluir na vida, agora acumulando culpa e saudade em suas margens. Percebo que estou inventando minha história a partir desses elementos, que habitam tanto o meu passado quanto agora, no retorno ao presente.

O conceito de invenção, conforme abordado por Kastrup (2012), tem uma ligação direta com o processo de criação do meu roteiro, pois o filme e o roteiro não são apenas uma forma de contar uma história preexistente, mas sim uma maneira de revisitar minhas próprias vivências e recriar a minha relação com o território de Paulo Afonso. Assim como a invenção não segue um padrão fixo e cria novos problemas ao longo do processo, o meu trabalho em Comporta é uma forma de problematizar minhas memórias, explorando tanto a construção do espaço físico quanto as questões internas da protagonista, que refletem também meus próprios dilemas.

Durante os dias que passei na cidade, aproveitei para registrar as nuances entre o familiar e o diferente, enquanto observava as sutis conexões entre minhas vivências e a narrativa que propunha para o roteiro. O retorno à casa onde morei me trouxe a sensação de querer reparar o que antes me incomodava ou havia sido abandonado, me recolocando, aos poucos, nas experiências que vivi ali: caminhar pelas ruas, podar as árvores do quintal, me balançar na rede, colher acerolas direto do pé. Nada era exatamente como antes, mas ainda existia, e isso mantinha viva a minha ligação com o que eu já fui – inclusive com os problemas que existiam.

As fissuras no teto do meu quarto, que antes deixavam a água da chuva infiltrar, agora estavam reparadas por um telhado que ajudei a construir. O quintal, palco de tantas histórias criadas por uma criança grande demais para ele, ressurgia à medida que eu retirava os matos que encobriam suas memórias. Minha mãe, que passou a morar sozinha após a morte do meu pai em 2012 e a partida dos filhos para Aracaju, agora me acolhe em seu colo. Ali, busco recuperar o toque e a voz que, ao contar e cantar para mim as novidades, me reconectam com a essência do que sempre foi nosso. O colo de mãe é nossa primeira morada, e eu queria voltar a esse território também.

A essa altura, eu já havia definido que meu projeto seria sobre uma personagem e seu reencontro com a cidade, a partir de uma caminhada por suas ruas. Então, me propus a vivenciar

essa experiência e, com minha câmera em mãos, caminhei por Paulo Afonso. Registrei os lugares que costumava frequentar, as paisagens, as novidades que surgiam ao meu redor, o rio, entre outros. Parte desse ato de registrar se alimentava de um sentimento de querer levar comigo essas paisagens, já que sabia que precisaria deixá-las novamente.

Figura 7 - Postes conduzindo fios de alta tensão através do Rio São Francisco.



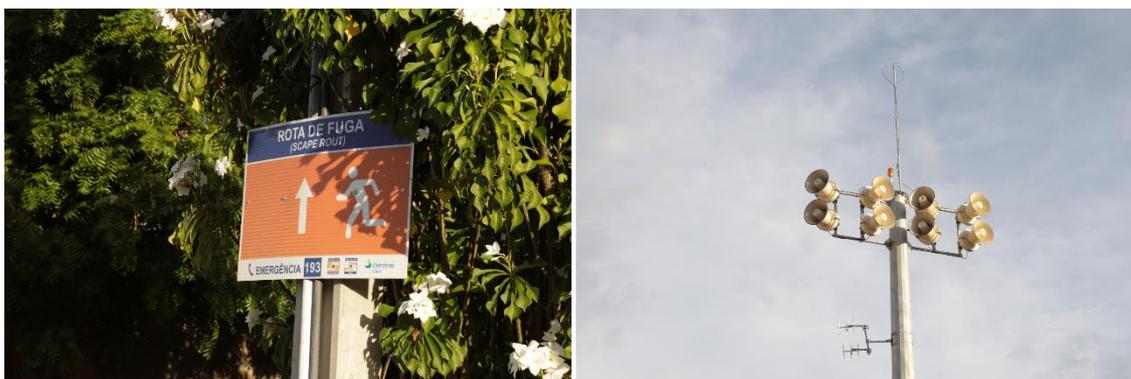
Fonte: Autor.

Essas fotografias estão dispostas no Apêndice I deste trabalho, mas gostaria de dar atenção a algo específico que observei. Ao caminhar pelas ruas do meu bairro, algo me causou estranheza: uma estrutura incomum na região, placas de sinalização para os moradores com a inscrição “ROTA DE FUGA”. Um pouco mais adiante, outra surpresa: uma grande torre com várias sirenes no topo estava sendo instalada. Ora, numa cidade cercada por represas e hidrelétricas, esses elementos deveriam ser comuns, mas curiosamente, em Paulo Afonso, nunca havia sido assim. Apesar de parte da cidade ser uma ilha artificial, nunca foram implementadas medidas de evacuação ou treinamentos para a população em caso de risco. Nós crescemos diante das barragens, tornando aquela paisagem algo próximo, parte do nosso cotidiano.

Ver as placas e as sirenes serviu como um lembrete dos riscos de caminhar por aquelas ruas, mesmo que, em termos práticos, isso parecesse inútil. Além de a população não estar preparada para um plano de evacuação, a cidade também não tinha estrutura para isso. Aquelas

sirenes eram, acima de tudo, mais um símbolo de mudança. Mais uma vez, percebi como as coisas, mesmo familiares, podem se reinventar e adquirir novos significados. A cidade que antes abrigava apenas lembranças de afeto, agora curiosamente revelava um teor ameaçador, justamente enquanto eu explorava as fissuras que sustentam as estruturas sociais desse lugar.

Figura 8 - Registros das ruas de Paulo Afonso. Da esquerda para direita: placa de rota de fuga; sirenes.



Fonte: Autor.

3.3. Constantes reinvenções

A partir desses encontros e desencontros com minha terra natal, e refletindo cada vez mais sobre como tudo isso se estruturaria em uma narrativa cinematográfica, cheguei à conclusão de que minha história precisava de tempo. Seja caminhando pela cidade ou mergulhando em mim mesmo, percebi que esse processo de observação exige um olhar apurado e atento às mensagens que nos atravessam. Assim, a narrativa se tornou algo muito mais voltado para as experiências sensoriais ao longo da jornada da personagem, distanciando-se da narrativa clássica.

Essa percepção de explorar a espacialidade atrelada a uma temporalidade dilatada e sensível me fez idealizar o projeto como um roteiro de longa-metragem. Dessa forma, eu poderia me permitir criar cenas e momentos prolongados no filme, reforçando esses aspectos sensoriais que idealizei.

Ao pensar nesse formato, comecei a definir a estética que queria para o projeto, inspirando-me na perspectiva do cinema de fluxo. Priorizei o uso da imagem e do som como elementos sensoriais que conduzem a narrativa de maneira não linear, focando nas sensações e nas nuances entre o real do mundo e o real que trago para o projeto. Como aborda Oliveira (2014), o cinema de fluxo é uma estética que se afasta do cinema clássico, ao não se fixar na articulação discursiva ou dramatização tradicional da mise-en-scène. Em vez disso, prioriza a criação de ambiências e movimentos contínuos, enfatizando a fluidez e o acaso do real. Para Oliveira, o cineasta do fluxo organiza menos a cena e mais o espaço sensorial, permitindo que

o real se manifeste de forma espontânea. Segundo ele, "a tarefa do cineasta do fluxo consistiria não em organizar uma forma discursiva, mas em intensificar 'zonas do real', resguardando do mundo um estatuto aleatório, indeciso, movente" (Oliveira Jr., 2014, p. 144).

A partir desse ponto, entre 2021 e o final de 2023, tanto o projeto quanto eu passamos por vários processos de invenção. Movido por uma vontade de realizar e tornar visível o que eu estava propondo, comecei a idealizá-lo como um curta-metragem, com o objetivo de produzi-lo como meu Trabalho de Conclusão de Curso. Escrever, embora seja algo que compartilho constantemente, ainda é um processo muito individual para mim. Já a realização, não. Estar no set de filmagem, produzindo um projeto de minha autoria, desperta em mim uma força que só o cinema consegue transmitir. A invenção do filme também acontece durante as gravações, e isso me enriquece. No entanto, produzir cinema pode ser uma tarefa cara, especialmente quando não há incentivos de fomento cultural ao nosso alcance.

No final de 2023, surge a Lei Paulo Gustavo⁶ (LPG), um projeto que visa distribuir recursos federais para o fomento cultural em estados e municípios por todo o Brasil. Esta seria minha oportunidade de conseguir os recursos necessários para produzir *Comporta*. Contudo, o fato de a minha história ser ambientada inteiramente em Paulo Afonso e eu inscrevê-la na LPG da região onde resido e estudo (Aracaju, Sergipe) trouxe desafios. O edital da LPG da região priorizava projetos que enriquecessem a cultura local, o que dificultaria a aprovação da minha proposta. Assim, comecei a modificar a premissa do roteiro para ambientá-lo em Aracaju, focando em uma única locação – uma casa – a fim de também reduzir os custos de produção.

Durante esse processo de adaptação, algo tornava tudo muito incômodo para mim. Não era apenas a sensação de que a narrativa havia enfraquecido, mas de que eu estava me sabotando em prol dos recursos, deixando de lado a verdadeira essência do projeto: a relação entre minhas próprias vivências e a história que eu queria contar. Foi então que me desvinculei completamente da ideia de ambientar a história em outra paisagem que não fosse Paulo Afonso. Não porque fosse impossível, mas porque eu sabia que estaria criando algo diferente. Fiquei convicto de que o ato de inventar esse projeto precisava estar diretamente ligado à minha invenção como ser.

⁶ A Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195/2022) foi criada com o objetivo de destinar recursos financeiros da União para estados, Distrito Federal e municípios, a fim de fomentar ações culturais. Ela é o maior investimento direto no setor cultural da história do Brasil, com R\$ 3,86 bilhões direcionados a produções audiovisuais e outras iniciativas culturais. A lei também surgiu como resposta às dificuldades enfrentadas pelo setor cultural durante a pandemia de COVID-19, visando minimizar os prejuízos e possibilitar a retomada de atividades artísticas e culturais.

Assim, voltei meu olhar novamente para o norte baiano, e isso me trouxe uma sensação de estar no caminho certo. Decidi continuar com a ideia de realizar o curta-metragem e me arrisquei a competir na LPG do estado da Bahia. Não consegui a aprovação no edital, mas foi a partir desse resultado que finquei meus pés na certeza de que meu Trabalho de Conclusão de Curso seria o roteiro desse curta-metragem.

3.4. O acolhimento

Como mencionei no capítulo anterior, meu processo de escrita costuma ser solitário. No entanto, assim como a vida em sociedade, há momentos na escrita em que é bem-vindo o olhar estrangeiro. Existir é um ato que se consolida em comunidade, e inventar também. Meu processo de escrita diverge um pouco da estrutura tradicional usada na construção de roteiros, que normalmente começa pela elaboração da logline, passando pelo enredo, escaleta, argumento, até chegar ao roteiro literário. Ao tentar seguir essa abordagem, me senti bloqueado, preso na escrita, sem conseguir dar início ao processo.

Nesse meio tempo, já estava em contato com o grupo do projeto de extensão do curso de Cinema, o Maré Narrativa, coordenado pela professora Ana Ângela. Foi nesse grupo que apresentei pela primeira vez minhas ideias para a concepção do roteiro, mesmo sem ter escrito nada de concreto até então. Essa abertura do projeto para novos olhares me deu mais confiança e segurança na escrita. As orientações e feedbacks dos colegas e professores confirmaram a importância de que aquele roteiro existisse. Participar do grupo Maré foi uma experiência constante durante esses anos de criação, sendo um espaço de acolhimento. Falar deste projeto é, essencialmente, falar de mim, das minhas inquietações e dilemas. Ter um espaço onde pude apresentar essas vivências sem julgamentos foi fundamental para que eu continuasse, além de acompanhar o desenvolvimento do grupo e suas próprias reinvenções, consolidando-se agora como um grupo de roteiro acadêmico.

Com o projeto definido, chegou a hora de colocar as ideias em prática e exercitar a escrita. Busquei fugir da abordagem linear, estruturando o roteiro gradualmente em diferentes etapas. Às vezes, eu criava uma cena diretamente no roteiro literário para depois adaptá-la no argumento; outras vezes, desenvolvia o argumento primeiro para, em seguida, estruturá-lo no roteiro. Esse processo se entrelaçava e se alimentava mutuamente ao longo de toda a jornada de escrita.

Após as primeiras versões do projeto, tanto do argumento quanto do roteiro literário, algumas lacunas ainda permaneciam. Por mais que eu tivesse avançado na estrutura da história, percebi que essas lacunas não estavam diretamente relacionadas à técnica da escrita, mas

habitavam um espaço externo a ela, algo que eu ainda precisava enfrentar no meu âmbito pessoal. Era como se a escrita tivesse alcançado um limite que, para ser superado, exigia que eu me voltasse para dentro de mim.

Essas lacunas refletiam questões não resolvidas, experiências inacabadas e sensações que permaneciam suspensas em minha própria trajetória de vida. Percebi que, para avançar no roteiro e preenchê-las de maneira significativa, era necessário primeiro enfrentá-las e compreendê-las em um nível mais íntimo. O processo de criação se mostrou, então, como uma ponte entre o que eu já havia vivido e o que ainda precisava ser trabalhado dentro de mim. Somente ao revisitar essas questões pessoais é que o projeto poderia alcançar a profundidade que eu buscava. Foi o momento de apresentar o projeto à minha psicanalista.

3.5. A psicanalista

Minha trajetória em contato com a psicanálise começou em 2022, quando iniciei sessões quinzenais com uma profissional da área. Até então, meu conhecimento sobre o tema vinha apenas de amigos que estudavam psicologia ou faziam acompanhamento terapêutico, mas a abordagem da psicanálise sempre despertou minha curiosidade. Existiam – e ainda existem – questões pessoais com as quais eu não sabia lidar. As feridas que eu reconhecia não me afetavam tanto, mas eram as que eu desconhecía que geravam os maiores conflitos e angústias.

Nos primeiros anos de análise, percebi como a fala tem um poder transformador. Verbalizar pensamentos pode ser um ato de coragem e de revolução, tanto para o que está fora quanto, e principalmente, para o que está dentro de nós. Esses momentos me ajudaram a aliviar o peso de certas questões e a enxergar a urgência de mudanças que eu precisava fazer. Através do processo de me observar e me ouvir, comecei a descobrir feridas que até então estavam ocultas. Foi um período de autoaceitação, em que aprendi a respeitar minha forma de lidar com o mundo e a acolher meus próprios processos – inclusive os processos de criação.

Compreendi que o ato de criar também está profundamente ligado ao nosso bem-estar, e que a criação flui a partir de um estado de conforto e segurança. À medida que comecei a lidar melhor com meus desconfortos, o processo de construção do projeto, assim como minha trajetória na universidade, tornou-se mais fluido e claro. Esse olhar para dentro também me fez perceber como minhas feridas estavam diretamente conectadas às questões presentes no roteiro: o não pertencimento, a relação com a morte, o silenciamento e o desconforto da fala.

Foi apenas em 2024 que apresentei a estrutura narrativa do meu roteiro durante uma sessão de psicanálise. Desse primeiro contato, dois pontos importantes foram levantados. O primeiro foi que, inicialmente, a protagonista do filme estaria grávida. Diante da morte do irmão

mais novo, sua preocupação seria com o cuidado do filho que estava para nascer. Ao apresentar essa ideia na sessão, fui orientado a reconsiderá-la, pois ela se distanciava da proposta central do projeto. Os dilemas e conflitos do filme estão voltados para a protagonista, e cabe a ela resolver suas questões internas. Ao trazer a figura de um filho, os elementos da narrativa acabavam se desviando dela. Optei, então, por retirar o filho de Glória do roteiro.

Num segundo momento, enquanto discorria sobre a narrativa e o retorno de Glória à sua cidade após a morte do irmão, fui surpreendido pelas palavras da psicanalista: “Por que você precisa morrer?”. Para contextualizar, eu tenho apenas uma irmã mais velha, com quem não mantenho um bom relacionamento. A partir desse questionamento, comecei a refletir sobre como estou me colocando nessa história, que tanto se entrelaça com minhas vivências. De que forma meu posicionamento diante da narrativa reflete uma ferida que carrego? Ou, mais importante, por que eu sinto que não faço parte dessa história?

A verdade é que esse projeto não é apenas sobre mim. Ele se projeta, acima de tudo, como uma representação da forma como lido com os agentes do mundo. Eu os coloco na narrativa, os insiro em um universo e, ao fazer isso, invento um novo mundo, onde essa realidade se transforma em algo novo. Assim, entendo que a construção deste projeto está em paralelo com a minha própria reconstrução. Escrever esse roteiro é, ao mesmo tempo, uma forma de enfrentar minhas próprias questões e de transformar essas vivências em algo novo, tanto para mim quanto para a história que estou contando.

3.6. Novas invenções para o futuro

A partir de agosto de 2024, me deparei com o argumento do meu projeto finalizado e o roteiro quase pronto. Durante esse período, surgiu a oportunidade de me inscrever no Grupo Marieta, um espaço para discutir mais profundamente a estrutura da minha narrativa a partir das perspectivas de outros roteiristas, cada um com sua vivência.

O Grupo Marieta de desenvolvimento de narrativas é uma iniciativa que oferece um espaço para criadores desenvolverem projetos autorais como roteiros, documentários, animações e outros formatos narrativos. Através de encontros semanais, realizados virtualmente, os participantes apresentam e discutem suas ideias em um ambiente colaborativo, focado na troca de experiências e no fortalecimento de redes criativas. O propósito principal do Grupo Marieta é criar um ambiente de aprendizado mútuo, no qual os participantes não apenas recebem feedback, mas também constroem redes de apoio que potencializam seus projetos.

Assim como no Maré, percebi que esse seria um espaço seguro e acolhedor para o compartilhamento.

Durante cada encontro, dois projetos dos participantes são discutidos. Nesse processo, fui aprendendo a evoluir e desenvolver alguns aspectos do meu projeto, como a importância de definir uma ideia governante, fundamental para compreender o ponto central do que se quer contar. Como a vivência no grupo se estenderia por meses, inclusive após a apresentação deste trabalho, decidi apresentar *Comporta* como um projeto de longa-metragem, com a intenção de desenvolvê-lo no futuro. A partir dessa troca, consegui aprofundar melhor meus personagens, refinar minha sinopse e evidenciar minhas crises – os maiores desafios na concepção do roteiro. Alguns desses pontos desenvolvidos eu trouxe para este projeto, disponíveis no capítulo 4 “Dados técnicos”. O grupo não discute o roteiro literário em si, mas sim um Mapa de Apresentação, que reúne todos esses elementos, junto com o argumento, dando um direcionamento ao escopo geral do projeto. Esse processo me ajudou a enxergar com mais clareza os aspectos que precisavam ser ajustados e os caminhos para continuar desenvolvendo *Comporta*.

Ao escolher a data para a discussão do meu mapa de apresentação, decidi por uma data que dialogava diretamente com o fato de meu projeto estar intrinsecamente ligado à minha existência: o meu aniversário. A disponibilidade da data parecia um sinal do meu íntimo para escolhê-la. No dia 10 de outubro de 2024, *Comporta* foi enxergado por olhares de vários cantos do Brasil. Durante a discussão, percebi como meu projeto estava claro em sua intenção de alinhar uma visão poética, dramática e pessoal através de uma narrativa lenta e abstrata, algo que foi bastante destacado pelos participantes.

Um ponto que foi levantado, no entanto, foi a relação entre a protagonista e sua mãe, que precisaria de mais aprofundamento na narrativa, já que se trataria de um longa-metragem. Outros pontos também foram discutidos, como o fato de eu esconder o conteúdo dos áudios que o irmão de Glória enviou a ela antes de sua morte. Houve divergências: alguns participantes consideravam essencial revelar essas mensagens ao público, enquanto outros concordaram que o não dito também tem seu poder comunicativo.

Absorvi todos esses comentários e os nutri como uma fonte de enriquecimento para o futuro do projeto. Participar desse encontro me fez perceber um ciclo em torno de todo o processo criativo. Mesmo depois de tantas mudanças, agora me volto à ideia inicial de transformar *Comporta* em um roteiro de longa-metragem. O primeiro passo já foi dado: se antes eu não tive sucesso na seleção para realizar o curta-metragem, agora, através da LPG do estado de Sergipe, fui selecionado na categoria de desenvolvimento de projetos.

Comporta segue em constante mudança e evolução. Agora, felizmente, poderei conduzir esse processo criativo com mais segurança e apoio, mantendo ao meu redor as pessoas e profissionais que me dão forças para escrever cada cena.

4. DADOS TÉCNICOS

4.1. Formatação

Título: *Comporta.*

Formato: Curta-metragem.

Gênero: Drama, Cinema de Fluxo.

Tema: Reencontro.

Ideia governante: Deixar feridas abertas em nosso passado nos impede de seguir em frente. É preciso retornar e questionar tanto o que mudou quanto o que insiste em permanecer.

Onde se passa a história: O filme se passa numa cidade do interior norte da Bahia: Paulo Afonso. Na cidade, vários locais serão palco para narrativa: a Ponte Metálica, as represas e usinas, o Rio São Francisco, um cemitério e as ruas da cidade.

Duração da narrativa: 01 dia e meio.

4.2. Personagens

Glória Gouveia: Mulher de aproximadamente 40 anos, parda, cabelos curtos, veste camisa social de manga longa, calça jeans e óculos escuros. Glória guarda muita mágoa e culpa do seu passado, isso a torna uma pessoa fechada e deslocada por onde passa, ao mesmo tempo que essa rigidez serve para esconder suas fragilidades e suportar desafios. Não fala muito, mas está constantemente pensando. Ela também possui tricotilomania, que é o impulso incontrolável de arrancar pelos ou fios e tufo de cabelo, principalmente os da cabeça. Para não arrancar seus cabelos, Glória tinha o hobby de fazer carrancas de madeira com uma faca de talhar. Glória se culpa pela morte do irmão, já que fugiu da cidade aos 20 anos de idade quando Eduardo ainda era criança. Ela pensa que talvez estando ao lado do irmão poderia evitar seu fim trágico. Porém, ela também fugiu para evitar que seu destino fosse o fundo do rio.

Eduardo Gouveia: Irmão de Glória, tem aproximadamente 30 anos, pardo, cabelos curtos e magro. Ele viveu a vida debaixo das asas da mãe e sem muitas perspectivas de futuro. Tinha

seus amores, seus trabalhos, mas nunca conseguiu trilhar seu próprio caminho. Essa falta de perspectiva e o sentimento de vazio, principalmente diante da frustração por não ter conseguido entrar na faculdade, se acumularam em Eduardo. Ele já trabalhou em várias coisas, mas tinha uma paixão pela sua motocicleta, a qual utilizava para trabalhar como mototáxi. Mais recentemente, sua principal amizade era Jéssica, uma colega de trabalho e mais jovem, onde ele assumia um papel de irmão mais velho, encorajando-a e ensinando algumas coisas, dentre elas a arte de talhar as carrancas, ensinada pela sua irmã.

A cidade: Paulo Afonso é uma cidade do interior norte baiano, banhada pelo Rio São Francisco e na divisa com outros dois estados: Sergipe e Alagoas. A cidade surge no início do século XX com a construção de usinas hidrelétricas na região, até que na década de 50 as grandes usinas foram construídas, abastecendo o Nordeste. Esse processo atraiu muita gente para região e gerou empregos, ao mesmo tempo que as construções levaram a muitas mortes e impactos socioambientais, como a inundação de cidades ribeirinhas e a represa do rio. Parte da cidade é uma ilha artificial cercada pelo rio que, apesar de se situar no semiárido, é uma cidade arborizada e verde, conhecida como “oásis do sertão”.

Apesar de seu alicerce ser essa noção de prosperidade e riqueza (natural e energética), a partir das seguintes gerações a cidade se mostrou estagnada, sem muitas perspectivas de vida, um turismo mal estruturado, coronelismo moderno e tabus. Você nasce e cresce em Paulo Afonso, mas se quer um futuro, você sai de lá. Em 2020, Paulo Afonso foi eleita a cidade com o maior índice de suicídio do interior baiano. Um dos principais lugares de ocorrência dessas mortes é justamente um dos cartões postais da cidade: uma ponte de metal de 80 metros de altura que liga de uma ponta a outra os cânions do Velho Chico.

Jéssica: uma jovem de aproximadamente 20 anos, negra, cabelos cacheados e quase sempre com seu uniforme rosa de motogirl. Jéssica é determinada, curiosa e teimosa. Características que a tornam cativante e ao mesmo tempo irritante, mas há verdade nos olhos dela. Ela gosta de nadar no rio, ir em festas e principalmente empinar na sua moto. Com a amizade de Eduardo ela passa a estudar para fazer faculdade de Engenharia Mecânica. Assim ela planeja juntar uma grana para sair da cidade, pois descobre que conseguiu passar na universidade da capital, justamente no dia em que recebe a notícia da morte de Edu.

Alda Gouveia: uma mulher de aproximadamente 65 anos, branca, cabelos pretos e grisalhos. Viúva, é mãe de Glória e Eduardo, seus únicos filhos. Alda tem uma vida considerada simples,

sem pobreza ou riquezas, até mesmo ambições, pelo menos não depois de seus filhos e a morte do marido. Ela não lida muito bem com o diferente, algo que sua fé católica influencia nas suas noções de ordem e controle da vida. Sua péssima relação com a filha se dá por isso, ela nunca conseguiu controlar Glória, pois ela não entendia seu jeito diferente de ser ou a possibilidade de ser, e deixava isso bem claro para a filha, gerando muito atrito entre as duas. Alda é acumuladora e fechada, focando toda sua atenção no filho que ainda morava com ela. Com sua morte, sem deixar nenhuma mensagem, Alda também se culpa por achar que não cumpriu com seu “papel de mãe” ao “deixar” seu filho morrer. Para ela, talvez o erro seja não ter levado Eduardo na igreja para livrá-lo do “diabo”.

4.3.Sinopse

Glória, uma atriz de cinema pouco conhecida, retorna à sua cidade natal, Paulo Afonso, após 20 anos distante, para enfrentar o luto pela morte de seu irmão mais novo, Eduardo. Ao chegar, seu carro quebra, como se o destino quisesse obrigá-la a ficar mais tempo naquele lugar marcado por memórias e silêncios. O reencontro com sua mãe, Alda, acontece em meio a uma atmosfera sufocante de culpa. Eduardo havia deixado uma única mensagem para Glória no dia de sua morte, e, sem acesso a esse último recado, Alda carrega o fardo de se sentir culpada pela tragédia.

Perdida em suas lembranças, Glória começa a caminhar pelas ruas da cidade, que já foi familiar, mas agora lhe parece estranha e opressiva. Em sua jornada, ela encontra Jéssica, uma amiga de Eduardo, que compartilha o hobby que ele aprendeu com Glória: esculpir carrancas de madeira. Jéssica carrega consigo a carranca que Glória havia dado ao irmão, e, juntas, as duas terminam de esculpir uma nova peça. Nesse momento, Glória encontra um breve alívio, e as duas chegam a dançar, com Glória vendo em Jéssica um reflexo de seu próprio passado.

Mais tarde, Glória reencontra Alda e, na tentativa de aliviar o sofrimento da mãe, mente sobre o conteúdo da mensagem de Eduardo, dizendo que ele não guardava mágoas. Porém, ao ouvir a verdadeira mensagem, sozinha no quarto do irmão, Glória finalmente desaba em lágrimas, liberando a dor que vinha carregando. Antes de partir, ela conserta o carro e, num gesto de despedida e purificação, se banha nas águas do Rio São Francisco. Com a carranca de Eduardo em mãos, Glória deixa a cidade, pronta para seguir em frente.

4.4.Argumento

A vegetação verde se estende pela paisagem nordestina, onde além dos mandacarus, *algarobas* e pés de cansanção, o sertão se reinventa ao imergir flores esbranquiçadas, árvores

altas e água, muita água. Mais precisamente um rio. Um som estrondoso domina a atmosfera ao adentrarmos na mata, percorrendo o Rio São Francisco até a origem do som: uma cachoeira. Uma nuvem branca acompanha a queda das águas entre os cânions do Velho Chico. Na sua margem, uma figura feminina está sobre as pedras, se mesclando à vegetação. É uma mulher indígena, jovem, com vestimentas coloridas, cocar e pinturas em vermelho e preto pelo corpo. Reconhecemo-la como humana, porém sua postura remete mais à figura mística. O som da cachoeira preenche todo o ambiente, e de seu rosto, uma lágrima escorre e se mistura à correnteza do rio.

Sobre a mesma paisagem agora se erguem construções que nos trazem de volta ao "mundo real". Estamos na entrada da cidade de Paulo Afonso, Bahia, onde uma grande ponte interliga o cânion do Velho Chico de ponta a ponta. Ao fundo, uma enorme usina hidrelétrica ocupa a paisagem, represando o rio e mesclando o concreto acinzentado com a correnteza esverdeada. Surge um carro moderno e azulado sobre a ponte, nele está Glória, uma mulher de aproximadamente 40 anos, parda, óculos escuros e cabelos curtos. Ela também veste uma camiseta social azul de gola e mangas compridas.

Glória dirige seriamente. Aos 20 anos de idade ela deixou a cidade em busca de liberdade e novas perspectivas, abandonando sua mãe, Alda, e seu irmão mais novo, Eduardo.

Glória adentra a cidade, é uma região cercada pelo rio e lagos decorrentes das represas e usinas hidrelétricas que a rodeiam. O verde e a água do rio são presenças constantes, além de três pontes que separam a ilha artificial, principal área da cidade, do resto da região. É como se a cidade possuísse suas próprias fronteiras.

Glória coloca a mão na nuca, um gesto involuntário que ela repete desde a juventude. O movimento desencadeia memórias de sua fuga da cidade e da família. Na lembrança, Glória se vê pegando uma fotografia no quarto do irmão, pouco antes de partir, mas é surpreendida quando ele acorda e percebe sua intenção de ir embora. Suas lembranças são abruptamente interrompidas por um forte barulho do carro, que para de funcionar e começa a soltar fumaça. Glória se debruça sobre o volante, decepcionada. Memórias invadem sua mente mais uma vez — agora, a imagem de uma carranca de madeira sobre a mesma bancada onde estava a fotografia. De volta à realidade, ela pega o celular e observa a tela que está aberta num aplicativo de mensagens. Um áudio de um contato marcado como 'DESCONHECIDO', sem foto, aparece. Logo em seguida, uma notificação de que a bateria está acabando.

O momento é interrompido pelo som de buzinas vindas da rua. Um cortejo de carros e motos acompanham um carro fúnebre bem lentamente. Glória reconhece uma das pessoas presentes no cortejo: é Alda, sua mãe. Ambas percebem a presença uma da outra, porém Alda

levanta o vidro do carro e ignora sua filha com desprezo. O zumbido das buzinas vai diminuindo e se distanciando. Glória finalmente toma uma atitude e caminha na direção do cortejo. A pé, ela caminha até chegar a um cemitério.

Glória é constantemente confrontada pela paisagem da cidade, sejam naturais ou urbanas, como se estas a engolissem. No cemitério, a sensação de opressão é ainda mais intensa. Cercada por túmulos e jazigos adornados com imagens de santos, cruzeiros e flores, Glória caminha sozinha. Ao longe, ela consegue ouvir um coral de vozes cantando. Glória continua sua caminhada em direção à origem das vozes, mas é surpreendida quando elas se aproximam. De repente, um aglomerado de pessoas passa por ela enquanto cantam, tornando mais nítido como ela se apresenta como uma figura deslocada do ambiente, pois veste calça jeans e tênis, fugindo do padrão “feminino” de se vestir.

Depois que todos passam, Glória se vê diante de apenas uma pessoa: Alda. Ela se aproxima de Glória e a desfere um tapa no rosto. A mão de Alda em seu rosto tem o peso de todos os anos que passou longe de casa. Glória não reage. Ela acha que merece aquele tapa por não ter chegado a tempo do enterro, sabendo que se tratava de Eduardo, seu irmão mais novo. E se culpa por ter abandonado o irmão todos esses anos.

Na saída do cemitério, Glória se depara com o carro de Alda estacionado e com a porta aberta, um convite (ou uma ordem) para que entrasse. Após entrar no carro, um silêncio ensurdecedor se instaura. No caminho, Glória pergunta detalhes sobre a morte do irmão, “*caixão aberto ou fechado?*”. Alda não responde e deixa que seu sobrinho, Noé (homem de aproximadamente 28 anos, pardo, com cabelos curtos e vestindo camisa gola polo branca), dialogue com Glória, numa mistura entre silêncios e poucas palavras. Eles chegam à casa de Alda, onde Glória cresceu, um lugar marcado pelo tempo, mas que remete a uma vida nem pobre nem de luxos. Todos adentram a casa. Glória se depara com memórias do lugar espalhadas em fotografias e quadros pelos cômodos.

Na cozinha, Alda prepara o almoço — um dos pratos favoritos de Glória — o que aumenta a confusão de Glória em relação às atitudes ambíguas da mãe. Todos se reúnem à mesa, e a conversa começa a fluir, com Noé desempenhando o papel de mediador, já que ele não chegou a conhecer Glória e não tem uma opinião formada sobre ela. A conversa se aprofunda ao tocarem no passado e na fuga de Glória, até que a tensão explode em uma discussão entre ela e Alda. A mãe a acusa de abandono e relembra com amargura que foi ela quem teve que ver o filho ser retirado do rio após sua morte por suicídio, que não recebeu nenhuma carta, aviso ou sinal vindo de Eduardo. A tensão atinge o ápice, e Glória diz que

Eduardo deixou sim uma mensagem, só não foi para ela. O silêncio se instaura novamente e Glória abandona o cômodo.

Indo em direção à saída, Glória avista a porta do quarto de Eduardo, que ainda morava com a mãe. Ela se aproxima e entra. O ambiente está muito diferente, mas ela consegue reconhecer o lugar, a cama ainda é a mesma, assim como alguns objetos que estão postos sobre uma cômoda: várias carrancas de madeira feitas a mão, algumas sem pintura ou não finalizadas. O porta-retratos ainda está lá, com a foto dos dois. Tudo está um pouco empoeirado. Abandonado.

Mais memórias do seu irmão tomam conta da sua mente, dessa vez ela está com uma faca cortando lascas de madeira, ensinando Eduardo a fazer uma carranca “*dizem que espanta os maus espíritos*”. Glória pega novamente o celular que descarrega logo em seguida e o coloca abruptamente sobre a cômoda “*Merda!*”.

Noé bate à porta, preocupado, perguntando como Glória está. Sem revelar muito, ela pergunta se ele conhece alguma oficina mecânica. Ele sugere uma, mas Glória não faz ideia de onde fica — muita coisa mudou. Noé se oferece para levá-la, mas ela recusa, dizendo que vai andando. Deixa o celular sobre a mesa e sai da casa em silêncio. Alda acende mais um cigarro.

Glória deixa a casa de Alda e inicia uma nova caminhada, agora movida por algo diferente. Ao virar a esquina, ela se depara com uma placa que diz: “ROTA DE FUGA”, com uma grande seta apontando o caminho. Sem hesitar, segue na direção indicada, iniciando uma jornada pela cidade, passando por outras dezenas de placas idênticas, algumas recém-colocadas. Durante o percurso, ela avista uma torre com vários autofalantes no topo, imponentes. Cada passo não é apenas uma caminhada física — Glória tenta, de algum modo, escapar de seus pensamentos, da culpa e dos arrependimentos que a perseguem ao mesmo tempo que busca algo familiar na paisagem, se reconectar de alguma forma.

Glória continua sua caminhada, passando por vários pontos da cidade, incluindo as barragens e usinas que cercam a ilha. De um lado, o rio; do outro, a depressão. Ela sempre se sente dividida, como se estivesse entre dois mundos. Suas memórias começam a se misturar com a realidade, e ela tem um vislumbre de si mesma e de seu irmão, ainda jovens, brincando na margem do rio. Movida pela lembrança, Glória caminha em direção aos dois, mas é interrompida bruscamente por Jéssica, que passa de moto e quase a atropela. Quando a poeira finalmente baixa, Glória percebe que as figuras no rio não eram ela e o irmão, mas apenas crianças comuns brincando na água. Ao fundo, grandes postes sustentam os cabos de energia que cruzam o São Francisco, conectando margens distantes. Um reflexo da distância que Glória sente dentro de si.

Glória caminha incansavelmente. Passa por pontes, pelo centro da cidade, por ruas floridas e por monumentos marcantes, como o de um touro envolvido por uma cobra gigante, seus rostos próximos como em um beijo. Sua jornada a leva ao ponto mais alto: uma das barragens. De lá, ela tem uma vista ampla dos cânions à sua frente e, ao longe, a ponte de metal, de onde seu irmão se jogou.

Agora em um parque, na beira de uma lagoa com um pequeno mirante, Glória vê Jéssica sentada, esculpindo uma carranca de madeira com uma faca, a mesma faca das lembranças de Glória com seu irmão. Preso a sua calça, está uma carranca pintada e velha, Glória também a reconhece sendo a que fez para o irmão.

Glória questiona a jovem sobre como ela conseguiu aquelas coisas. Jéssica possui a mesma idade de Glória quando deixou a cidade, é uma mulher extrovertida, ousada e provocativa. Não à toa, questiona Glória sobre suas vestimentas e elogia seu cabelo “*Eduardo sempre falou de você*”. Jéssica fala da amizade com Eduardo, que era colega de trabalho e que ele foi como um irmão mais velho para ela, inclusive ensinando ela a fazer as carrancas, “*mas as dele eram mais bonitas*”.

Enquanto isso, Alda tenta ligar e desbloquear o celular de glória, sem êxito.

Glória trata os questionamentos de Jéssica com rispidez e desconfiança. Ela não acredita que Jéssica pode ser feliz naquele lugar, já que ela mesma não foi em seu tempo. Glória projeta seus medos e inseguranças na jovem. Mas a relação com seu irmão era forte. No fim ela dá dicas de como esculpir a carranca.

Jéssica revela que Eduardo tentou ingressar na faculdade pelo sistema de cotas raciais, mas teve sua inscrição negada, pois não foi reconhecido como pertencente à sua etnia. Eduardo, homem pardo de aproximadamente 30 anos, também desejava fugir como sua irmã. Ele nunca guardou rancor da decisão de Glória ao deixar a cidade e a família, no fundo e principalmente ao ganhar mais idade, ele entendeu um pouco o que fez sua irmã arrumar as malas naquela manhã. Glória nunca soube disso, mas sorri ironicamente “*é a primeira vez que consigo imaginá-lo na minha cabeça. Já tinha esquecido*”. Glória então pede para Jéssica levá-la ao local onde seu irmão tirou a própria vida: a Ponte Metálica, a ponte entre os cânions.

Glória então se vê diante do abismo e da correnteza esverdeada do rio, com o vento agitando seus cabelos e suas vestimentas largas. Sua caminhada chega a um limite. Os caminhões passam sobre a ponte, que tremem suas mãos.

Na volta para casa, Jéssica sugere que elas vão a um bar da cidade, onde está acontecendo uma festa para celebrar o último dia de trabalho dela como mototaxista. Glória reluta, mas Jéssica a convence e as duas vão para o bar.

No início, Glória se sente um pouco desconfortável e bem deslocada, mas aos poucos Jéssica a convence a relaxar e se divertir. Elas dançam juntas e Glória se solta, sorri e se move ao ritmo da música. É um momento de libertação para Glória, onde ela se permite viver o presente e esquecer temporariamente as preocupações do passado. De repente, a energia do bar acaba, deixando todos no escuro. As pessoas começam a reclamar, mas Glória e Jéssica continuam se divertindo.

Com a cidade ainda sem energia, Jéssica deixa Glória na casa de Alda e a convida para tomar banho de rio embaixo da ponte pela manhã. Sem confirmar, as duas se despedem e Glória adentra mais uma vez à casa escura. Lá dentro, ela encontra novamente sua mãe, sentada à mesa apenas iluminada por algumas velas e com o seu celular sobre a mesa. Elas trocam algumas palavras, Alda parece mais fragilizada, a dor pela perda do filho agora é mais nítida.

Glória decide não mostrar a mensagem para Alda. Em vez disso, mente, dizendo que apagou. Ela conta o que acredita que a mãe precisa ouvir: que Eduardo não a culpava de nada, nem mencionava ela. O que Glória diz não é completamente verdade, mas é a verdade que ela sente que Alda necessita naquele momento.

Elas não discutem, mas também não fazem as pazes. A postura de Glória não é mais de medo, pois acaba de enxergar ali na sua frente para além de sua mãe, uma mulher solitária.

A energia retorna. Glória caminha até o quarto de Eduardo e se dirige ao porta-retrato que os mostra juntos, de trajes de banho, sorrindo e abraçados. Ela retira a fotografia do quadro e, com ela nas mãos, se deita na cama de Eduardo. Lentamente, liga o celular novamente e dá play no áudio deixado pelo irmão. Sem revelar o conteúdo, Glória apenas ouve, pressionando o celular contra o ouvido. Glória finalmente chora. O ambiente é tomado pelo som de pequenas ondas de um rio.

Na manhã seguinte, Glória consegue encontrar a oficina mecânica e consertar seu carro.

Glória vai à beira do rio debaixo de uma ponte. Há várias pessoas ao redor, gerando um som de vozes e festejos. Jéssica pula da ponte dentro do rio com os amigos. Glória entrega para ela uma carranca nova, pintada de preto e rosa “*agora tu tem uma só tua*”. Jéssica pula novamente no rio “*vem, tá quase chegando!*”.

Aos poucos, o som da multidão se intensifica e surgem barulhos de motores. Glória entra devagar na água e se banha em meio às ondas. O peso de suas costas, se ainda o carrega, nesse momento podia se sentir um pouco mais livre deles. Ela estava em paz. De repente várias flores começam a cair em sua volta.

Enquanto o som da multidão chega em seu ápice e as ondas se intensificam, pessoas do alto da ponte são a fonte das flores que caem no rio. Por baixo da estrutura, vários barcos, canoas e lanchas passam em uma procissão em homenagem ao santo São Francisco de Assis.

Glória dirige seu carro sobre a Ponte Metálica. A carranca de Eduardo está pendurada na chave. Seu olhar reflete a determinação que agora preenche seu coração, uma mistura de alívio e expectativa por um novo horizonte. Ao passar sobre a Ponte Metálica, seu semblante é mais radiante, como se finalmente tivesse encontrado a liberdade que tanto buscava. A fotografia com Eduardo está apoiada no painel do carro. Glória dá um leve sorriso e aumenta a música do rádio.

FIM.

5. ROTEIRO LITERÁRIO

1. CARTELA - FUNDO PRETO

Um som ESTRONDOSO e contínuo surge lentamente com o texto:

"Dizem que, perto da Serra da Canastra, vivia Iati, uma bela mulher de uma grande tribo indígena. Ela amava um guerreiro, que partiu para uma guerra distante no Norte.

Os guerreiros da tribo eram tantos que seus passos fizeram a terra ceder, e todos foram tragados pelo abismo. Iati, em sua dor, chorou por toda a vida. Suas lágrimas desceram pelo sulco profundo, viajando por muitas léguas, até encontrarem o mar."

FADE PARA:

2. EXT. BAHIA/CAATINGA - MANHÃ

O som ESTRONDOSO permanece.

Uma vegetação verde toma conta do local. Mandacarus e outras plantas espinhosas são as mais presentes, junto das lagartixas que caminham sobre as pedras. O orvalho cobre a folhagem com um manto branco, enquanto uma névoa residual se vê ao fundo. Som DOS PÁSSAROS e do VENTO. Aos poucos, o som de GALHOS SE QUEBRANDO se mescla com o som de PASSOS LENTOS. A água de um rio escorre pelas pedras. O som dos PASSOS e dos GALHOS permanece constante. Pés masculinos e descalços pisam em galhos e pedras. O som ESTRONDOSO continua, como um ruído de fundo.

3. EXT. PAULO AFONSO/RUAS DA CIDADE - MANHÃ

As ruas estão desertas. Postes de luz ainda acesos. Árvores altas balançam ao vento. Leves ondas se formando em um pequeno lago. Uma estátua com a figura de um touro sendo enrolado por uma cobra enorme, suas faces coladas, como em um beijo.

4. INT. QUARTO - MANHÃ

Ambiente escuro. Um homem sentado na cama, coberto pela escuridão. Seu corpo está curvado igual como se estivesse sentado embaixo de uma cachoeira.

5. EXT. PAULO AFONSO/CACHOEIRA - MANHÃ

Uma enorme cachoeira despeja o Velho Chico entre as pedras do cânion. É a origem do som ESTRONDOSO, que está mais intenso do que nunca. O som de PASSOS FORTES acelera e o ESTRONDO chega em seu ponto máximo. De repente param abruptamente em um PASSO final. Silêncio total.

FADE PARA:

6. EXT. PAULO AFONSO/PONTE METÁLICA - DIA NUBLADO

O som ambiente volta aos poucos. Uma estrutura de ferro imponente se estende a 80 metros de altura, cruzando os cânions do Rio São Francisco. Ao fundo, uma imponente estrutura de concreto, uma das usinas hidrelétricas da cidade, domina a paisagem.

Placas nos postes ao longo da ponte com mensagens de apoio, muitas de cunho religioso, promovendo a preservação da vida. Uma pichação em concreto na extremidade da ponte: "VIVA".

Um carro moderno de cor azulada/esverdeada cruzando a ponte, contrastando com o ambiente acinzentado. Dentro do carro, uma mulher dirige sozinha, com o vidro da janela aberto.

7. INT. PONTE METÁLICA/CARRO DE GLÓRIA - DIA NUBLADO

Ao volante está GLÓRIA (mulher parda, 40 anos de idade, cabelos curtos). Ela traja uma camisa social azul de mangas longas e óculos escuros que encobrem seus olhos, mas não ocultam sua expressão séria. Ela inclina o rosto em direção à paisagem, permitindo que um feixe de luz suave ilumine seu rosto. Em seguida, volta a atenção para a estrada e fecha o vidro da janela ao seu lado, escurecendo seu rosto.

8. INT./EXT. PAULO AFONSO/RUAS - DIA NUBLADO

GLÓRIA dirige pela cidade. Ela liga o rádio do carro. GLÓRIA observa atentamente. Ela passa por mais uma ponte, dessa vez em meio a um grande lago. Há bares e restaurantes que simulam uma orla. Na água, não há quem tome banho.

9. INT. CARRO DE GLÓRIA - DIA NUBLADO

GLÓRIA coça a nuca enquanto dirige. Seus dedos passeiam entre a pele e os fios do seu cabelo negro.

CORTA PARA:

10. INT. QUARTO - MANHÃ

A luz do amanhecer cinza ilumina a nuca de uma jovem. Ela está em um ambiente quieto, tudo parece estático, como se estivesse parado no tempo. Uma cômoda com alguns objetos está ao alcance. Ela segura um porta-retratos. Subitamente, um RANGIDO DE MADEIRA ecoa. A jovem bate o porta-retratos na cômoda, rompendo o silêncio como um trovão numa noite calma. Rapidamente ela olha para o lado e se depara com um MENINO sentado em uma cama.

VOLTA PARA (SOM DA BATIDA ACOMPANHA):

11. INT. CARRO DE GLÓRIA - DIA NUBLADO

Um som estridente vindo do carro assusta GLÓRIA, que quase perde o controle do veículo e freia bruscamente. O carro para. Uma fumaça branca sai do capô. Gotas de um líquido caem embaixo do carro, como um sangramento. GLÓRIA tira os óculos escuros e apoia a testa no volante. Ela tenta ligar o carro novamente com a chave na ignição, mas não obtém resposta. Respirando fundo, ela fixa o olhar no volante. Seus olhos castanhos e tristes se fecham.

CORTA PARA:

12. INT. QUARTO - MANHÃ

Um porta-retratos com a fotografia de uma menina e seu irmão mais novo, ambos vestidos com trajes de banho à beira de um rio. Eles estão abraçados e sorriem. A luz cinza do ambiente deixa a foto opaca.

VOLTA PARA:

13. INT. CARRO DE GLÓRIA - DIA NUBLADO

GLÓRIA abre lentamente os olhos e se reclina novamente no banco, buscando algo em uma bolsa ao seu lado. Ela pega seu celular e acessa a caixa de mensagens. Navega até uma conversa salva como "DESCONHECIDO". Na tela há alguns áudios de WhatsApp de três dias atrás.

O som de BUZINAS intermitentes surge e GLÓRIA a percebe pela primeira vez. À sua frente, um carro fúnebre lidera um cortejo de várias motos e carros que trafegam lentamente em fila.

14. EXT. CRUZAMENTO - DIA NUBLADO

O carro de GLÓRIA permanece inerte e fumaçando. O som das BUZINAS

toma conta do ambiente, oscilando como um zumbido mental. GLÓRIA sai do carro e observa o cortejo.

15. EXT. CORTEJO FÚNEBRE - DIA NUBLADO

Um carro modelo anos 90 de cor barrosa surge lentamente. Na janela do passageiro, ALDA (cerca de 60 anos, vestida de preto, com a pele branca e marcada por rugas), tem os olhos marejados e olha para fora. Ela nota GLÓRIA e as duas trocam olhares, reconhecendo-se mutuamente. O RUÍDO DAS BUZINAS continua estridente. ALDA desvia o olhar, coloca óculos escuros e fecha o vidro fumê da porta. GLÓRIA mantém o olhar firme no cortejo.

16. EXT. CRUZAMENTO - DIA NUBLADO

O RUÍDO DAS BUZINAS se afasta. GLÓRIA fecha a porta do carro e o abandona, caminhando apressadamente na mesma direção do cortejo que já está distante.

17. INT/EXT. CEMITÉRIO - DIA NUBLADO

Ao longe, GLÓRIA avança sozinha. À medida que se aproxima ouve-se uma cantoria, um CORAL DE VOZES recita a música "Noites Traíçoeiras", a música ecoa pelo ambiente.

*"Deus te trouxe aqui
Para aliviar os teus sofrimentos
É Ele o autor da Fé
Do princípio ao fim
Em todos os seus tormentos
E ainda se vier noites traiçoeiras
Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo
O mundo pode até fazer você chorar
Mas Deus te quer sorrindo"*

Enquanto o CORAL DE VOZES ganha força, GLÓRIA caminha em direção a ele. Ao fundo, várias sepulturas retangulares, revestidas em cerâmica, customizadas com flores e velas. GLÓRIA acelera o passo, depois diminui e para. O CORAL DE VOZES alcança seu ápice. Um grupo de pessoas invade o lugar, caminhando em sentido contrário a GLÓRIA, que permanece imóvel.

*E ainda se vier noites traiçoeiras
Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo
O mundo pode até fazer você chorar
Mas Deus te quer sorrindo"*

Algumas pessoas seguram velas e flores. Elas atravessam ao redor de GLÓRIA como se ela nem existisse, se destacando dos demais

com sua calça jeans e tênis.

18. INT./EXT. CEMITÉRIO - DIA NUBLADO

(PONTO DE VISTA DE GLÓRIA)

Várias pessoas cabisbaixas passam à frente de GLÓRIA. Algumas levantam o rosto para encará-la brevemente antes de desviar o caminho. Entre elas está JÉSSICA (jovem de 20 anos, negra, cabelos cacheados), vestindo um uniforme rosa claro de mangas compridas. Ela fixa o olhar em GLÓRIA, mas logo se mistura com os demais que passam.

19. INT./EXT. CEMITÉRIO - DIA NUBLADO

As pessoas terminam de passar por GLÓRIA, que permanece imóvel. O som do CORAL DE VOZES agora é quase inaudível. Por um momento, GLÓRIA fica sozinha, até que ALDA (cabelos grisalhos amarrados em um coque), para diante dela. As duas ficam em silêncio por alguns segundos. ALDA desfere um tapa no rosto de GLÓRIA que leva a mão ao rosto e curva seu corpo levemente, mas permanece em silêncio.

ALDA se afasta, deixando GLÓRIA sozinha novamente. O olhar de GLÓRIA é atordoado e levemente marejado, mas nenhuma lágrima escorre.

20. INT./EXT. CEMITÉRIO/SEPULTURA - DIA NUBLADO

Sepulturas se espalham pelo local. Uma delas se destaca, um pouco maior que as outras, cercada de flores e velas. Uma árvore faz sombra sobre ela. GLÓRIA para diante da estrutura.

Fotos antigas de homens de várias gerações, uma cruz e a inscrição "FAMÍLIA GOUVEIA". GLÓRIA encara o jazigo. O som ESTRONDOSO que ouvimos anteriormente retorna e cresce rapidamente.

CORTA PARA:

21. INT. QUARTO - MANHÃ

(PONTO DE VISTA DA JOVEM)

Um MENINO está sentado na cama e encara a JOVEM. O lugar começa a tremer ao ritmo do ESTRONDO crescente. Objetos caem das prateleiras e gotas d'água pingam do teto. O MENINO aponta para

o chão, que agora está inundado. Uma carranca de madeira colorida boia na água e encosta no pé da JOVEM, justo quando o som atinge seu ápice.

CORTA PARA:

22. EXT. CEMITÉRIO/ENTRADA - DIA NUBLADO

Ninguém ocupa o local. GLÓRIA sai pelo portão de ferro. Ela para e levanta o olhar. À sua frente, está estacionado o carro modelo anos 90. ALDA está em frente ao volante. A porta do passageiro aberta.

23. INT. CARRO DE ALDA - DIA NUBLADO

GLÓRIA se senta no banco de passageiro. O carro entra em movimento. Todos permanecem em silêncio por alguns instantes. GLÓRIA encara o horizonte.

GLÓRIA
Aberto ou fechado?

O silêncio se instaura novamente.

ALDA
Fechado. Foi fechado.

ALDA apoia o braço na janela. Seu olhar é distante para o horizonte.

24. EXT. PAULO AFONSO/RUAS - DIA NUBLADO

O carro percorre as ruas da cidade. O verde das árvores contrasta com o comércio. Praças desertas, cachorros soltos na rua, sem muitos prédios ou algo que se destaque.

25. EXT. CASA DE ALDA - DIA NUBLADO

O carro estaciona em frente a um muro alto e bege, com uma cerca elétrica em seu topo e dois portões de ferro gradeados. ALDA desce e entra na casa. GLÓRIA sai do carro e observa ao redor por uns instantes.

26. INT. CASA DE ALDA/SALA - DIA

O ambiente está a meia luz. Os ladrilhos de estética colonial,

um tanto desgastados pelo tempo, cobrem todos os cômodos da casa. Apesar de intacto, o espaço está repleto de objetos acumulados, criando uma sensação de imobilidade. As paredes descascam, e os vidros estão trincados. Móveis de madeira maciça, imagens de santos, fotografias antigas e terços preenchem os cômodos. Sombras se movem sobre os móveis e os quadros espalhados pelas paredes, alguns retratam rostos jovens e velhos, pintados de forma ereta e frontal. Entre essas imagens, há fotografias mais recentes e coloridas, mostrando famílias e jovens sorrindo. Uma sombra encobre um desses retratos, revelando a imagem de uma jovem de cabelos longos sentada sobre uma grande pedra, com um lago ao fundo.

27. INT. CASA DE ALDA/COZINHA - DIA

Tudo está iluminado pela luz natural que entra pelas frestas do telhado e por uma porta dos fundos. Filtro de barro, panelas de alumínio, saleiro com tampa de biscuit e uma geladeira cheia de ímãs decorados. O som de algo fritando em óleo quase se assemelha com o som da chuva.

28. INT. CASA DE ALDA/COZINHA - MAIS TARDE

Uma tilápia frita sobre a mesa. O som dos TALHERES ecoa enquanto as duas comem em silêncio, cada uma em uma ponta da mesa. GLÓRIA permanece séria, ainda há comida em seu prato, mas ela não come mais. Todos permanecem em silêncio por alguns instantes.

GLÓRIA

Como que foi?

O silêncio permanece.

ALDA

Na ponte.

CORTA PARA:

29. EXT. RIO SÃO FRANCISCO - DIA

A correnteza avança entre as pedras liberando um som ESTRONDOSO.

VOLTA PARA:

30. INT. CASA DE ALDA/COZINHA - DIA

Torneira derramando água. ALDA está lavando os pratos. Glória

permanece na mesa ao fundo.

GLÓRIA
Por que não me esperou?

ALDA
(séria)
Chegou tarde... (pausa) Melhor que nem
tivesse vindo.

GLÓRIA se levanta e vai em direção à saída.

GLÓRIA
Edu me mandou uma mensagem esses dias.

ALDA
(séria e em tom baixo)
Tudo que ele deixou tá nessa casa ou
no fundo do rio.

GLÓRIA sai. ALDA continua lavando os pratos. Seu olhar é vago.

31. INT. CASA DE ALDA - DIA

Imagens de santos e crucifixos nas paredes. Alguns com laços vermelhos. GLÓRIA caminha pelo corredor e se encosta na parede. Ela retira o celular do bolso que descarrega e desliga logo em seguida.

GLÓRIA
Merda!

GLÓRIA coloca a mão na nuca. No fundo do corredor, uma porta entreaberta. Ela caminha em sua direção.

32. INT. CASA DE ALDA/QUARTO DE EDUARDO - DIA

GLÓRIA abre a porta devagar. As cortinas bloqueiam a maior parte da luz que entra pela janela aberta.

O ambiente está um pouco escuro, mas a luz que entra pela porta também ilumina o espaço, projetando a sombra de GLÓRIA. A cama de madeira com um mosquiteiro está no canto. Há vários objetos encobertos pelas sombras. Está bagunçado e um pouco empoeirado. Teias de aranhas no teto. Na frente de GLÓRIA uma cômoda com alguns objetos: revistas, perfumes e carrancas de madeira, várias, cada uma diferente da outra. Todas estão empoeiradas. Há um espaço vazio entre elas, um círculo sem poeira. GLÓRIA se aproxima. Na ponta do móvel, um porta-retratos com a fotografia

antiga dela e de Eduardo mais jovens, com trajes de banho, se abraçando. GLÓRIA bota o celular em cima da cômoda e pega o porta-retratos com as duas mãos.

CORTA PARA:

33. INT. CASA DE ALDA - NOITE

Fragmento de imagens de detalhes das mãos de GLÓRIA e do seu irmão. Ela está com uma faca e uma carranca na mão, talhando-a.

GLÓRIA(O.S.)

Dizem que afasta os maus espíritos.

CORTA PARA:

34. INT. CASA DE ALDA/QUARTO DE EDUARDO - DIA

GLÓRIA bota o porta-retratos novamente na cômoda. GLÓRIA sai. O celular permanece sobre a cômoda.

35. EXT. CASA DE ALDA - DIA

GLÓRIA fecha o portão e sai caminhando com sua bolsa na mão.

36. EXT. RUA - DIA

O olhar de GLÓRIA é sério e focado a sua frente. Ela passa por uma estrutura e para em frente dela: uma placa verde com setas apontando na direção contrária. "ROTA DE FUGA" está escrito nela.

37. EXT. CASA DE ALDA - DIA

GLÓRIA passa caminhando na calçada, agora no outro sentido.

38. EXT. PAULO AFONSO/RUAS - DIA

Sequência de imagens de placas em pontos e ruas diferentes.

Sequência de imagens de GLÓRIA passando por essas ruas, sempre nos cantos, engolida pela paisagem.

39. EXT. PAULO AFONSO/RUA ARBORIZADA - DIA NUBLADO

GLÓRIA caminha em meio a uma rua com árvores ipê, floridas em

amarelo, o chão asfaltado está coberto delas. Há pouco movimento.

40. EXT. PAULO AFONSO/PLACA - DIA

GLÓRIA passa diante de uma placa que exhibe a frase "PONTO DE ENCONTRO". Ao seu redor, um quarteirão de terra e mato se estende rodeado de casas grandes e luxuosas.

41. EXT. PAULO AFONSO/PRAÇA - DIA

Entre as casas, um grande poste com vários alto-falantes no topo se ergue imponente. Dois trabalhadores estão finalizando a instalação de uma cerca ao redor da estrutura, demarcando o espaço. Os autofalantes ganham destaque, suas formas robustas contrastando com o céu ao fundo, como se fossem sentinelas silenciosas. Um grupo de cachorros farejam e se deitam num amontoado de terra.

42. EXT. PAULO AFONSO/CENTRO - DIA

Há poucas pessoas nas ruas. Um enorme chafariz exhibe a estátua de dois trabalhadores perfurando a pedra com um maquinário nas mãos. Em volta do monumento estão vendedores ambulantes, um morador de rua e restaurantes.

43. EXT. PAULO AFONSO/IGREJA DE SÃO FRANCISCO - DIA

O ruído da cidade diminui. A igreja, quase inteiramente feita de pedra, se impõe no topo de uma elevação. GLÓRIA caminha ao redor, próxima às janelas. Através das frestas de pedra, ela avista alguém parecido com Eduardo do lado de dentro, mas não vê seu rosto. GLÓRIA vai até a entrada, mas ao chegar, encontra apenas pessoas desconhecidas arrumando o local. Ela encara o rapaz por uns instantes. Ele a pergunta algo, mas não presta atenção e sai em seguida.

CORTA PARA:

44. EXT. BEIRA DE RIO - FINAL DE TARDE

O rosto de uma criança de 12 anos, vestida com trajes de banho, está parcialmente submerso pela água do rio. Seu olhar permanece fixo, concentrado em uma direção. Leves ondas encontram seu corpo imóvel, enquanto ela permanece ali, estática. Ao fundo passa uma lancha.

(PONTO DE VISTA DA CRIANÇA) Uma mulher está sentada à beira do

rio, brincando com um bebê de cerca de 2 anos. Ela sorri, jogando água no bebê com as mãos, e ele ri em resposta. A criança mantém seu olhar focado, enquanto leva a mão à nuca. As ondas continuam a bater suavemente contra seu corpo. O som do motor da lancha vai se intensificando. As ondas aumentam de força. De repente, plantas baronesas flutuam de encontro a criança. Agora, percebe-se que há centenas dessas plantas ao redor da criança, envolvendo-a.

VOLTA PARA:

45. EXT. PRAINHA - DIA

Os pés de GLÓRIA caminham sobre uma areia fina e úmida. Algumas plantas mortas vão surgindo na areia até um ponto em que seus pés agora pisam apenas sobre as plantas. GLÓRIA está diante de uma beira de rio com alguns bares ao fundo. A água está tomada pelas plantas baronesas, só é possível percebê-la pelos movimentos das ondas. Ao lado de GLÓRIA uma escavadeira retira algumas baronesas do rio e as joga em um amontoado delas posto na areia.

46. EXT. PAULO AFONSO/BARRAGEM/BEIRA DO RIO - DIA

Uma faixa de terra separa o Velho Chico do restante da cidade. De um lado há o rio, do outro, uma pequena depressão por onde se espalham várias casas estreitas de um bairro humilde. GLÓRIA caminha na beira da barragem, mais próxima da depressão. O vento bate em seus cabelos. Ela segura sua bolsa no punho. O som DE CRIANÇAS BRINCANDO chama a sua atenção para o outro lado da barragem, na margem do rio.

(PONTO DE VISTA DE GLÓRIA)

Uma JOVEM está sentada de costas em uma pedra, usando roupas de banho. Um MENINO de 7 anos brinca ao redor dela, mas apenas parte do corpo da criança é visível devido ao declive até a beira do rio. A JOVEM mexe nos cabelos, retirando alguns fios da nuca, e então vira o rosto para encarar GLÓRIA. GLÓRIA vai em direção à outra margem. De repente uma moto passa na sua frente, quase atropelando-a. Na moto está JÉSSICA com uniforme rosa e capacete, ela olha para trás na direção de GLÓRIA enquanto carrega alguém em sua garupa. Uma nuvem de poeira toma conta do lugar. GLÓRIA continua em direção à margem do rio, mas a JOVEM não está mais lá. Apenas algumas crianças brincam na margem.

GLÓRIA está diante do rio e de grandes postes de energia que o atravessam de uma ponta a outra. Ela é apenas um ponto imóvel perto deles.

47. EXT. PAULO AFONSO/DIQUE - TARDE

Uma grande represa barra a água do Velho Chico. No alto do paredão de pedras, GLÓRIA continua sua caminhada, pequena em meio a paisagem. No final da barragem, a estrutura se transforma em concreto com grandes portões: comportas responsáveis por liberar a passagem da água. Elas estão fechadas.

48. EXT. PAULO AFONSO/DIQUE - MOMENTOS MAIS TARDE

Tudo que se vê do outro lado são rochas e o abismo. No horizonte há uma ponte de metal entre os cânions. GLÓRIA está encostada em uma pedra encarando a ponte no horizonte. Ela está estática, apoiando a sua mão direita na nuca e a outra na cintura.

49. EXT. PAULO AFONSO/PARQUE BELVEDERE - TARDE

GLÓRIA caminha rodeada de árvores, postes de energia enormes e um grande lago. Não há quase ninguém no local. O vento consegue balançar seus cabelos curtos e sua roupa folgada. Uma moto está estacionada próxima à calçada. Um capacete cheio de adesivos está pendurado no retrovisor. Do outro lado da calçada há uma trilha de pedras que leva a um pequeno mirante na beira do lago. GLÓRIA caminha em sua direção.

50. EXT. PARQUE BELVEDERE/MIRANTE - TARDE

O lugar é pequeno, construído de pedras, com um teto circular de metal amarelo. Ao redor, apenas a água azul do Velho Chico, represada. Encostada em uma das muretas, JÉSSICA está de costas para a entrada. Ela manuseia algo com uma faca de entalhe nas mãos. Na cintura, a chave da moto pendurada.

O VENTO e o som da FACA são os únicos ruídos no ar. GLÓRIA se aproxima devagar e fixa o olhar na chave pendurada. Preso nela, um chaveiro: uma pequena carranca de madeira, pintada de preto, azul e vermelho, com marcas de desgaste. O som de cortes aumenta. De repente a faca cai no chão e um pequeno bloco de madeira escorrega até os pés de GLÓRIA.

JÉSSICA

Merda!

O bloco de madeira sem forma definida está no chão. Há várias marcas de cortes nele. Mão de GLÓRIA pegando o objeto. Ela esboça um semblante de dúvida. JÉSSICA se abaixa e pega a faca no chão.

GLÓRIA

Quem te de-

GLÓRIA para. De perfil, algumas lágrimas escorrem pelos olhos marejados de JÉSSICA.

GLÓRIA

Toma. (estendendo a mão com o objeto)

Rapidamente JÉSSICA se levanta enxugando as lágrimas com as mãos.

JÉSSICA

Valeu! (pegando o objeto)

JÉSSICA se senta novamente na mureta. GLÓRIA, devagar, se senta do lado oposto e observa JÉSSICA, que recomeça a cortar o objeto.

JÉSSICA

Edu falava muito de tu. Já tava achando que era doidice da cabeça dele.

GLÓRIA

Por que?

JÉSSICA

(focada no objeto)

Ele sempre falava da irmã que saiu da cidade, mas nunca mostrava uma foto nem nada.

GLÓRIA

Nunca gostei muito de foto.

JÉSSICA

É, ele também não.

GLÓRIA

Onde foi que tu arrumou isso aí? (apontando para a carranca no chaveiro).

JÉSSICA

Ah, foi Edu que me deu.

GLÓRIA

Fui eu que fiz, há muito tempo.

JÉSSICA

Ele tentou me ensinar, mas não presto pra isso não. Devia ter prestado mais

atenção.

GLÓRIA

Cê tá botando muita força, (simulando movimento com as mãos). Pega de lado, como se fosse descascar batata.

JÉSSICA replica o movimento no objeto, retirando uma lasca de madeira, sem derrubar nada. GLÓRIA olha para o horizonte. Do outro lado do lago, estruturas de ferro barram a água, cabos de energia atravessam por cima da água.

JÉSSICA

Sinto falta dele. (Pausa) É estranho, né? Parece que não aconteceu de verdade.

GLÓRIA se debruça na mureta, de frente para a lagoa. Uma coluna a separa de JÉSSICA. Ondas do rio se chocam levemente nas pedras.

GLÓRIA

É. Quer dizer, não sei. Não consigo mais enxergar ele. Perdi muita coisa.

JÉSSICA se levanta e encosta na coluna.

JÉSSICA

Fecha os olhos.

GLÓRIA reluta.

JÉSSICA

Bora, confia. Fecha os olhos.

GLÓRIA fecha os olhos. O vento balança seus cabelos. O barulho das ondas aumenta.

JÉSSICA (O.S.)

Tu se parece um pouco com ele, principalmente os olhos. Atento, distante. Não gostava de briga e pedia perdão até pelo que não fazia. Edu era mar, mesmo sem saber nadar, profundo. Enxergava tão dentro do outro que mergulhava sem dizer nada.

FUSÃO PARA:

Detalhes do ambiente vazio, as coisas estão no mesmo lugar desde o almoço.

JÉSSICA (V.O.)

Edu sonhava com o céu até em dia de chuva. Fazia batata frita porque gostava do som da chuva. E quando chovia, fechava os olhos, imaginava batata frita.

52. INT. CASA DE ALDA/QUARTO DE EDUARDO - NOITE

Ambiente está pouco iluminado. Sequência de imagens do lugar: quadros, cadernos, fotografias, capacetes. A luz da porta se abrindo ilumina o celular de GLÓRIA na cômoda. ALDA entra e pega o celular, aperta alguns botões e nada acontece.

JÉSSICA (O.S.)

Edu tinha o mundo todo dentro dele e tão pouco do mundo deixavam ele tocar, então desenhava, corria, chorava. Odiava filme de terror. Era perda de tempo pagar pra sentir medo, já tinha tantos. Eduardo era um bom amigo, era um bom irmão.

53. INT. CASA DE ALDA/QUARTO DE ALDA - NOITE

Muitos objetos se amontoam pelos cantos. ALDA vasculha dentro de um grande guarda-roupas. Ela retira um carregador de celular de dentro de uma gaveta. Ela se senta na cama. O mosquiteiro pendurado. ALDA conecta o celular na tomada. Rosto de ALDA sendo iluminado pela tela do celular. O reflexo nos seus óculos mostra o aparelho solicitando uma senha. Ela tenta algumas vezes, sem sucesso. Mensagem na tela do aparelho: "Você excedeu o número máximo de tentativas, entre em contato com-". A tela do celular se apaga. ALDA está na penumbra, parada e um pouco curvada. Ela permanece.

54. EXT. PAULO AFONSO/PARQUE BELVEDERE - TARDE

Árvores altas balançam ao vento. GLÓRIA e JÉSSICA andam pelo parque, JÉSSICA aponta em algumas direções.

JÉSSICA (O.S.)

Tava fazendo o que, lá na beira do rio?

GLÓRIA (O.S.)

Andando. Tentando achar algo familiar. Tanta coisa mudou.

Leves ondas se formam em um pequeno lago. Uma estátua revela a figura de um touro sendo enrolado por uma cobra enorme, suas faces coladas, como em um beijo. GLÓRIA e JÉSSICA estão ao seu redor.

JÉSSICA (O.S.)

Conseguiu achar?

GLÓRIA (O.S.)

Mais ou menos, ainda tem coisas que estão do mesmo jeito, mas tá esquisito.

JÉSSICA (O.S.)

Esquisito como?

GLÓRIA (O.S.)

Eu já vivi tanta coisa menina. Já fui tantas pessoas diferentes. A distância muda a gente.

A mão de GLÓRIA passa sobre o monumento.

JÉSSICA (O.S.)

Vem, vou te mostrar um lugar.

55. EXT. PAULO AFONSO/TERRENO ABANDONADO - TARDE

GLÓRIA segue JÉSSICA, que pula um pequeno muro de pedras e entra no local.

56. EXT. PRÉDIO ABANDONADO - TARDE

Toda a estrutura está tomada pelo mato e pela sujeira. Ao céu aberto, uma miniatura em concreto de uma usina hidrelétrica também desgastada. Uma das partes da miniatura, as comportas, ganha destaque. Os pés de JÉSSICA e GLÓRIA passam em volta do local. Elas sobem por uma escada de metal até o terraço.

57. EXT. PRÉDIO ABANDONADO/TERRAÇO - TARDE

JÉSSICA e GLÓRIA se sentam no parapeito de frente para o pôr do sol.

JÉSSICA
Bonito né? Dá pra ver o pôr do sol
direitinho daqui.

GLÓRIA
Mais mato que sol.

JÉSSICA
Ah, eu gosto assim (pausa).

Uma sequência de imagens dos arredores, a luz do sol sobre a vegetação, a ferrugem na escadaria, a miniatura da usina.

JÉSSICA(O.S.)
Tudo a mesma coisa nessa cidade, dá
dois passos e a gente já viu o que
tinha que ver. Aqui não, parece algo
meu, sabe? Feito só pra mim.

JÉSSICA mexe em seu chaveiro e desprende a carranca dele.

JÉSSICA
Toma (entregando para Glória). Acho
que isso é mais seu do que meu.

GLÓRIA tenta pegar a carranca, mas JÉSSICA recolhe sua mão.

JÉSSICA
Mas quero algo em troca.

GLÓRIA
O que?

JÉSSICA
Tu vai ter que ir na minha festa de
despedida do trampo depois daqui.

GLÓRIA
(descontraída)
Nem queria tá nessa cidade, ainda mais
querer saber de festa. Não, obrigado.

JÉSSICA
Ah, deixe de coisa, bora! Se tu não
gostar eu pego a moto e te deixo onde
tu quiser, nem que seja na puta que

pariu (rindo).

GLÓRIA
(mais séria)
Tô no clima de festa não menina.

JÉSSICA
Tá parecendo até Edu falando.

GLÓRIA
Não queria ter deixado ele aqui.

Pausa. JÉSSICA fica mais séria.

JÉSSICA
Edu também não gostava daqui. Quer dizer, gostava né, mas dava pra ver que não era o lugar dele.

GLÓRIA
Como assim?

JÉSSICA
Ele passou numa faculdade de Salvador, disse que era o que ele queria fazer de verdade. Era alguma coisa de arte. Até estudava escondido da mãe.

GLÓRIA
E por que ele não foi?

JÉSSICA
Parece que teve um problema na inscrição dele, não aprovaram as cotas dele. Aí ele caiu. Ele ficou feliz que eu passei, mas... Dava pra ver. Parecia que deram uma rasteira nele. (Pausa) Eu também não queria deixar ele aqui.

JÉSSICA
Toma (entregando a carranca na mão de Glória), ele nunca me deixava pegar nas coisas dele.

GLÓRIA pega a carranca e as duas ficam em silêncio por uns instantes, contemplando a paisagem.

GLÓRIA
Tu pode me levar lá?

58. EXT. PONTE METÁLICA - ENTARDECER

As mãos de GLÓRIA passeiam sobre o corrimão de ferro. O rio correndo ao fundo. O céu está acinzentado, apenas um pequeno feixe de luz do sol.

No corrimão, vários nomes e frases gravados de forma aleatória. JÉSSICA espera na moto estacionada no fim da ponte. O vento está mais forte. Um caminhão passa, a ponte estremece. O som da VIBRAÇÃO se mistura com o de uma CACHOEIRA. GLÓRIA permanece em pé, segurando nas grades de ferro. A sua frente está a usina hidrelétrica e alguns raios de sol. Ela permanece.

59. EXT. PAULO AFONSO/RUAS - MAIS TARDE

JÉSSICA leva GLÓRIA na garupa da moto. Apenas sobrou um resquício do sol alaranjado que cria uma silhueta escura na paisagem ao redor. GLÓRIA deita seu rosto na nuca de JÉSSICA e fecha os olhos.

FADE PARA:

60. EXT. PRAÇA/BAR - NOITE

O ambiente está lotado de pessoas, luzes e uma banda pequena. JÉSSICA estaciona a moto próximo a calçada junto de outras dezenas de motos. As duas descem e JÉSSICA rapidamente atravessa algumas mesas de plástico e vai em direção às pessoas.

JÉSSICA

Agora a festa começa, cambada!

Todos recepcionam JÉSSICA alvoroçados.

GLÓRIA vai adentrando aos poucos e se senta em uma das mesas vazias. Ela observa uma parede pintada com os pontos turísticos da cidade: a ponte metálica, a cachoeira etc. JÉSSICA continua dançando e pulando com os amigos ao som de muito forró e arrocha. GLÓRIA pega a carranca de Eduardo e passa os dedos sobre ela.

Sua concentração é interrompida pelo ruído das caixas de som. JÉSSICA está com o microfone na mão.

JÉSSICA

E aê meu povo! (aos gritos dos amigos).
É hoje que a gente fecha esse bar,
viu!?

O povo comemora.

JÉSSICA

Hoje me despeço de vocês, que tão no corre comigo todo dia. Vocês são foda pra caralho!

GLÓRIA também esboça um leve sorriso e seu olhar se cruza com o de JÉSSICA por um instante.

JÉSSICA

Mas também... (baixando o tom de voz)
É uma noite pra gente lembrar daquele que, além de ser um motoqueiro bom da porra (sorrindo), tava junto comigo quando precisava, até pra dar uns cascudo quando eu fazia merda.

Rosto de GLÓRIA fixo em JÉSSICA.

JÉSSICA (O.S.)

Ele dizia que não tem represa nesse mundo que consiga impedir o rio de chegar no mar. E é pra lá que vou. Viva Edu! (gritando)
Arroche nesse som!

JÉSSICA devolve o microfone e desce do palco improvisado e se junta a seus amigos que batem palmas e a abraçam. Ela vai na direção de GLÓRIA. A música retorna mais alta e toma conta do ambiente. Mesmo relutando, JÉSSICA consegue puxar GLÓRIA para a pista de dança. GLÓRIA dança junto de JÉSSICA e seus amigos. Finalmente ela se solta. Mãos na cintura, cabelos balançando, olhos fechados e sorrisos. As duas gargalham e dançam forró, tanto juntas quanto com as outras pessoas. GLÓRIA bebe cerveja enquanto tenta uns passos de forró novamente. De repente, todas as luzes se apagam, tudo escurece. O único som ouvido são as vaias das pessoas. GLÓRIA e JÉSSICA continuam gargalhando e se divertindo.

AMIGO DE JÉSSICA (O.S.)

Capital da energia uma porra!

61. EXT. CASA DE ALDA - MADRUGADA

Toda a rua está sem luz, a fachada da casa apenas iluminada pelo farol da moto de JÉSSICA, que chega trazendo GLÓRIA. Elas se despedem e JÉSSICA arranca rapidamente com a moto. GLÓRIA entra na casa escura.

62. INT. CASA DE ALDA/COZINHA - MADRUGADA

ALDA está sentada à mesa, de camisola e com um copo na mão. Uma vela colocada no fundo de uma xícara emborcada está no centro da mesa, deixando o ambiente a meia-luz. Ao seu lado, uma garrafa de cachaça. O silêncio reina até que o som de passos se intensifica aos poucos e para. ALDA encara GLÓRIA. O celular dela está posto à mesa.

ALDA
Parece que tá faltando algo. É isso que mata.

GLÓRIA puxa uma cadeira e se senta.

ALDA
(olhando para o copo)
Como uma sede. Uma sede miserável, do tamanho--

GLÓRIA
De um rio.

ALDA
Isso, do tamanho de um rio. Fundo.

GLÓRIA se levanta, some por um instante e retorna com um copo na mão. GLÓRIA coloca um pouco de cachaça no copo e toma, em silêncio. Em seguida pega o seu celular de cima da mesa.

GLÓRIA
Não tinha o seu nome nela.

ALDA
Onde?

GLÓRIA
Na mensagem. Pode dormir sossegada.

GLÓRIA dá mais um gole. GLÓRIA sai. ALDA permanece na penumbra com os olhos marejados.

63. INT. CASA DE ALDA/QUARTO DE EDUARDO - MADRUGADA

GLÓRIA está sentada na cama de EDUARDO, com o celular entre as mãos. Ela desbloqueia o aparelho, abre o aplicativo de mensagens e acessa a conversa com o DESCONHECIDO. Clica no áudio enviado e coloca o celular próximo ao ouvido. GLÓRIA se deita no travesseiro e começa a chorar.

64. EXT. OFICINA MECÂNICA - MANHÃ

Alguns carros dividem espaço com ferramentas, um cachorro caramelo e alguns mecânicos. GLÓRIA está na calçada e entrega dinheiro para um dos mecânicos. Ela se despede e entra no seu carro estacionado na calçada.

65. EXT. BEIRA DE RIO/EMBAIXO DA PONTE - MANHÃ ENSOLARADA

Uma estrada se estende na margem do rio. Som DE VOZES ANIMADAS ao fundo, algo deixa a população agitada. GLÓRIA estaciona o carro, desce e vai em direção à margem de onde vem o som de PULOS NA ÁGUA. Jovens formam uma fileira no alto da ponte para pular. Outras pessoas estão apoiadas no corrimão, estão bem-vestidas e seguram flores nas mãos.

GLÓRIA está embaixo de uma ponte curva. Não há cânions aqui, apenas o rio e a ponte. O som de agitação se intensifica, assim como o ruído de motores vindo do rio. Alguns barcos começam a passar ao fundo. O som dos motores vem deles, que se tornam mais presentes. Mais pessoas se aglomeram na outra margem do rio.

GLÓRIA se aproxima devagar da margem, mas não é o medo quem guia seus passos. GLÓRIA retira seus sapatos. O som dos motores, buzinas e agitação se intensificam ainda mais. GLÓRIA começa a entrar na água com a própria roupa que veste. Seu corpo vai adentrando aos poucos a água verde escura.

GLÓRIA se banha, lavando seu rosto com as mãos. Ao fundo mais barcos passam BUZINANDO. GLÓRIA estende suas costas sobre a água e começa a boiar de braços abertos. O som da POPULAÇÃO ALVOROÇADA emerge rapidamente. O rio flui através de GLÓRIA como se carregasse dela todo peso do mundo. Ela fecha os olhos. As BUZINAS e MOTORES chegam ao seu ápice, mas parecem abafados pela água.

CORTA PARA:

66. INT. CARRO DE GLÓRIA - DIA

GLÓRIA fecha a porta. No rádio toca a música "Soluços", de Jards Macalé. Chave na ignição, a carranca de EDUARDO presa nela. A música toma conta do ambiente.

VOLTA PARA:

67. EXT. BEIRA DE RIO/EMBAIXO DA PONTE - MANHÃ ENSOLARADA

Flores começam a cair na água em volta de GLÓRIA, muitas ondas se formam e passam pelo seu corpo, que permanece pleno. Dentre todos os barcos e lanchas, um se destaca: um padre acena para o povo enquanto segura a imagem do santo São Francisco de Assis.

CORTA PARA:

68. EXT. PONTE METÁLICA - DIA

O carro de GLÓRIA passa sobre a estrada. Ela inclina seu rosto em direção a paisagem, de onde também entra um feixe de luz em seu rosto. Ela abaixa o vidro e apoia o braço sobre a porta. O vento balança seus cabelos. Ao fundo, a paisagem que se estende é do Cânion do Velho Chico. O sol brilha no horizonte e ilumina a paisagem esverdeada da caatinga, que se emaranha cânion adentro.

VOLTA PARA:

69. EXT. BEIRA DE RIO/EMBAIXO DA PONTE - MANHÃ ENSOLARADA

GLÓRIA, vista do alto, está sozinha na água, rodeada de flores coloridas.

FADE OUT

FIM

6. DELINEAMENTO ESTÉTICO

A proposta deste projeto é trabalhar com três características fundamentais para a construção da narrativa: personagem, espaço e tempo. Em *Comporta*, todos os elementos giram em torno da protagonista e suas relações com a cidade onde nasceu, com ênfase em seu retorno a essas paisagens e às pessoas que cruzam seu caminho. Com influências principais dos diretores Karim Aïnouz, Kleber Mendonça Filho e Apichatpong Weerasethakul, a intenção é construir uma narrativa que se desenvolve a partir da presença de uma protagonista em um território denso, de atmosfera carregada, expandindo as percepções de tempo e espaço. A protagonista, em seu processo de autoaceitação e interação com o espaço ao seu redor, permanece constantemente em foco, nunca fugindo da tela, tornando-se o palco central de suas frustrações e reflexões.

6.1. Espacialidade

Em contraste com a cidade, o território torna-se um elemento intrínseco à narrativa. Explorar o ambiente ao redor dos personagens é essencial para a construção deles. Desde o retorno da protagonista à cidade, o roteiro explora diversas paisagens ao longo de sua jornada, revelando um reencontro com um lugar familiar, mas com uma nova perspectiva. Embora tudo já seja conhecido, desde sua partida, a personagem mudou, e sua percepção do lugar também se transformou, tornando-o algo novo. Esse aspecto é refletido na personagem Hermila (*O céu de Suely*, Karim Aïnouz, 2006), que retorna à sua cidade natal, no interior nordestino, com seu filho pequeno. Mesmo cercada por paisagens que fizeram parte de sua vida anteriormente, o retorno marca um processo de redescoberta e reconexão com o que ainda permanece e com aquilo que se foi, além das novas realidades que surgiram em seu lugar.

Figura 9 - *O Céu de Suely* (2006). Direção de Karim Aïnouz.



Fonte: Frames do filme.

Na obra de Kleber Mendonça, o espaço em cena vai além das relações dos personagens com ele; envolve também o espectador, que é apresentado àquele local dentro do arquétipo inserido no contexto da narrativa. Em *O som ao redor* (2013), o bairro de classe média do Recife é o principal palco dos acontecimentos e um elemento crucial para contextualizar os arquétipos do coronelismo moderno: grandes fazendas e casarões que se transformaram em condomínios de luxo e casas muradas, com seus moradores sempre em uma posição de superioridade em relação aos que não vivem ali. Essa construção é apresentada tanto na trajetória do protagonista, que nos revela essas paisagens, quanto na vivência dos trabalhadores e residentes do local.

Figura 10 – *O som ao redor* (2013). Direção de Kleber Mendonça Filho.



Fonte: frame do filme.

Para este projeto de roteiro, minha intenção é colocar o espaço da cidade em contraste não apenas com a personagem, mas também com o público, de forma que, desde o início, os elementos que compõem aquela região fiquem evidentes: as usinas hidrelétricas que utilizam as águas do São Francisco, a ilha artificial cercada pelo rio e pelas barragens, além da funcionalidade da própria comporta. Esse mecanismo, que bloqueia ou libera a água represada, faz um paralelo com a psique de Glória, que ora se vê travada pela culpa, ora alcança momentos de abertura e consolo. Os olhos de Glória são suas comportas.

6.2. A relação espaço-personagem

Ainda no âmbito dos personagens, agora em uma perspectiva das relações estabelecidas entre eles, o projeto é recheado por uma atmosfera densa e silenciosa quando esses personagens são postos diante um dos outros, principalmente em relação à protagonista. Se para ela o lugar a sua volta parece distante, irreconhecível, as pessoas que cruzam seu caminho geralmente

permanecem distantes. A intenção é trazer essa sensação de estranheza e distanciamento na forma como a protagonista se encaixa na cena, através de uma *mise-en-scène* que sempre a separa dos outros indivíduos – seja a porta de um carro, uma mesa, poeira ou a própria ausência de fala. A série *Objetos cortantes* (Jean-Marc Vallée, 2018) e o filme *Deux jours, une nuit* (Luc Dardenne, Jean-Pierre Dardenne, 2014), são as principais referências nesse aspecto.

A série protagonizada por Amy Adams apresenta a história de uma jornalista que retorna à sua cidade natal para trabalhar na cobertura de assassinatos de adolescentes que estão ocorrendo na região. Porém, ao retornar, ela também carrega traumas e inseguranças que afetam profundamente seu núcleo familiar e amoroso. Toda essa bagagem faz com que a personagem tenha dificuldade em socializar ou se aproximar de novas pessoas, tornando-a uma estranha em suas relações. Um elemento interessante dessa referência são os momentos que contrastam com essa tensão, quando a personagem vivencia momentos de descontração ao se relacionar com uma garota mais jovem. Esse contato proporciona um reencontro com seu "eu" do passado, oferecendo a possibilidade de aliviar o peso que carrega, mesmo que brevemente. Esses momentos estão presentes no projeto e são fundamentais para enriquecer a narrativa da protagonista, à medida que eles desencadeiam reações que revelam mais sobre seu passado, medos e objetivos.

Já no filme francês de 2014, a personagem Sandra (Marion Cotillard) se afasta do trabalho para se recuperar de uma depressão. No entanto, ao retornar, ela precisa convencer os colegas de trabalho a renunciarem a um bônus salarial que lhes foi concedido em troca de sua volta. Ao longo do filme, a personagem enfrenta encontros e discussões desagradáveis com seus colegas, sempre se encontrando em uma posição de abandono ou repúdio. Na cinematografia, isso é evidenciado pela forma como a atriz é posicionada em cena, muitas vezes com obstáculos materiais ou espaciais entre ela e os outros personagens. Em *Comporta*, trago esse elemento da espacialidade dividida para o contexto de Glória, reforçando seu desconforto e distanciamento em relação aos demais personagens, especialmente com sua mãe, sua principal antagonista.

Figura 11 - *Dois dias, uma noite* (2014). Direção de Luc Dardenne e Jean-Pierre Dardenne.



Fonte: Frame do filme.

6.3. Tempo e silêncios de cena

A forma como Apichatpong Weerasethakul conduz seu estilo de direção, fugindo da linearidade das narrativas, e utilizando uma alta temporalidade nas cenas, é a principal influência para a condução deste projeto. O objetivo é criar uma dilatação temporal em torno da trama e dos personagens. Em *Memoria* (2022), por exemplo, esse aspecto é evidente na disposição de cada cena: os planos longos e fixos permitem uma exploração visual do cenário e criam uma sensação de expectativa pelo movimento. Neste projeto de roteiro, pretendo utilizar essa abordagem para introduzir e guiar o espectador no peso que a protagonista e a cidade representam em cena, refletindo como a personagem está à deriva de seus próprios pensamentos. O silêncio ou a falta de movimento dialogam diretamente com a relação dos personagens com o ambiente ou com as pessoas ao seu redor.

Figura 12 – *Memoria* (2022). Direção de Apichatpong Weerasethakul.



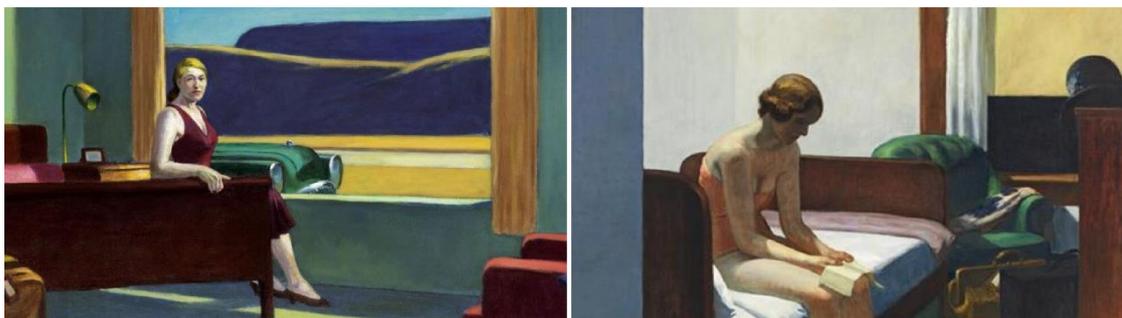
Fonte: Frame do filme.

Por exemplo, na relação entre Glória e sua mãe, Alda, a tensão é predominante. Cada palavra dita entre elas carrega um peso enorme, de forma que, quanto mais tempo nos dedicamos ao contato dessas duas personagens, mais essa tensão é alimentada.

Embora o filme tenha uma atmosfera densa e trate-se de um curta-metragem, essa densidade e distorção estão presentes em diversos aspectos além dos planos longos. Apesar dos diálogos intensos que ocorrem ao longo da trama, os silêncios visuais desempenham um papel narrativo crucial. A solidão ou indiferença em relação ao ambiente onde os personagens estão inseridos, bem como a forma como se comportam nesse espaço, ajudam a construir o sentimento que cada um carrega em cada cena.

Busco influências das obras de Edward Hopper⁷, pintor norte-americano, para uma composição minimalista e com “vazios de cena”, marcada pela disposição dos indivíduos, pela distribuição dos elementos no quadro e pelo uso de luz e sombra. Esse silêncio vai além da fotografia; é o resultado de toda a composição e da *mise-en-scène*.

Figura 13 – Obras de Edward Hopper. Da esquerda para direita: *Western Motel* (1957); *Hotel Room* (1931). Óleo sobre tela.



Fonte: Site Wahoo Art.

6.4. Proposta de fotografia

Planos com câmera fixa e na mão se mesclarão ao longo do filme para destacar, respectivamente, a monotonia e o distanciamento dos personagens, ou criar uma atmosfera de tensão nos momentos de conflito, seja entre a protagonista e outros personagens ou consigo mesma. Além disso, o uso de takes longos reforçará a dilatação temporal e destacará a presença da protagonista em cena, criando uma sensação de que o tempo se estende à medida que ela lida com seus dilemas internos.

⁷ Edward Hopper (1882–1967), renomado pintor realista americano, é conhecido por suas representações silenciosas e introspectivas da vida moderna, especialmente em ambientes urbanos e rurais. Hopper nasceu em Nyack, Nova York, e seu nome está profundamente ligado à exploração das tensões psicológicas entre os indivíduos e os efeitos da luz e da arquitetura nos cenários urbanos. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Edward-Hopper> e https://www.metmuseum.org/toah/hd/hopp/hd_hopp.htm. Acesso em: 22 out. 2024.

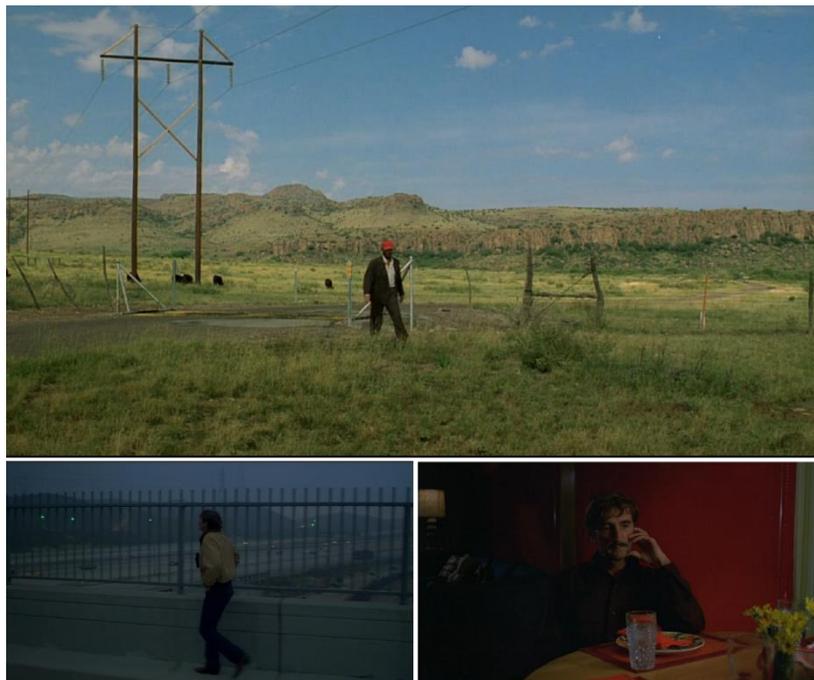
A fotografia do projeto se baseia em três pilares: a relação com o território, o peso emocional dos personagens e as memórias. No que se refere ao território, a protagonista será frequentemente colocada em contraste com as paisagens e ambientes ao seu redor, criando a sensação de que é "espremida" pela atmosfera do lugar, o que espelha suas questões internas. Planos abertos e minimalistas, com pouca movimentação de câmera, terão a paisagem dominando a composição, enquanto a protagonista estará nos cantos ou recuada, reforçando sua sensação de isolamento e desconforto. Referências como *Memoria* (2023), que usa planos gerais para acentuar o isolamento da personagem, e *Paris, Texas* (Wim Wenders, 1984), onde o protagonista se desloca por diferentes paisagens em planos longos e silenciosos, influenciam essa abordagem.

Figura 14 – *Memoria* (2022). Direção de Apichatpong Weerasethakul.



Fonte: Frames do filme.

Figura 15 - *Paris, Texas* (1984). Direção de Wim Wenders.



Fonte: Frames do filme.

As interações entre os personagens, especialmente entre Glória e Alda, serão marcadas por uma atmosfera densa e silenciosa. Mesmo em cenas de diálogo, a forma como os personagens são enquadrados reforçará a sensação de distanciamento emocional. Enquadramentos que exploram os “vazios de cena”, como em *O homem de Londres* (Béla Tarr e Ágnes Hranitzky, 2007), serão usados para deslocar os personagens e intensificar o peso emocional. O uso de contraluz e ambientes de penumbra também ajudará a construir essa atmosfera de tensão.

Figura 16 - *O homem de Londres* (2007). Direção de Béla Tarr e Ágnes Hranitzky.



Fonte: Frames do filme.

Na casa de Alda, o cenário de conflitos emocionais e a sensação de aprisionamento serão criados pelo uso estratégico dos planos, que destacam a estrutura da casa em relação aos personagens. Móveis, decorações e a bagunça do ambiente serão usados para "encobrir" os personagens, como se os elementos do cenário os sufocassem. Essa escolha visual espelha os conflitos internos e reforça o sentimento de opressão vivido pelas personagens naquele espaço.

Nos momentos em que o filme adentra nas memórias da protagonista, a abordagem visual muda para planos mais próximos e dinâmicos, com câmera na mão. Diferentemente dos outros momentos do roteiro, essas memórias são retratadas como fragmentos ou ilusões, sem a mesma clareza ou definição do presente. Enquanto os planos gerais e estáticos do presente permitem uma percepção clara do ambiente, as lembranças são capturadas com planos fechados e em constante movimento, refletindo não apenas uma outra era da narrativa, mas também um estado emocional diferente da personagem. As memórias da protagonista com seu irmão evocam uma sensação de fluidez e harmonia, contrastando com o peso da culpa e da solidão que ela enfrenta na atualidade. O uso de planos-detulhe reforça a ideia de lembranças fragmentadas, como sonhos cujos detalhes se perdem, mas cuja "aura" permanece vívida. Essa técnica é essencial nas cenas de lembrança entre Glória e seu irmão, pois ela apenas consegue acessar essas memórias de forma vaga e juvenil, com fragmentos que guardam mais a sensação do que os eventos em si.

6.5. Proposta de som

Comporta é um projeto que faz amplo uso dos silêncios, tanto visuais quanto sonoros. A escassez de diálogos e trilha sonora não diegética intensifica esses momentos de silêncio, tornando os sons e palavras que surgem ao longo do filme mais impactantes. Entretanto, ao longo da narrativa, outros elementos sonoros são incorporados, tanto de forma diegética, aproveitando os recursos apresentados no roteiro, quanto de maneira não diegética, explorando um aspecto sensorial para guiar algumas cenas. Um exemplo é o som estrondoso da cachoeira, que, ao longo do filme, se transforma em um ruído forte e tenso.

A água é um elemento recorrente na narrativa, sendo vista tanto como fonte de incômodo quanto como símbolo de libertação. Ora ela inunda, ora deságua. Sons relacionados à água, como gotejo, chuva, rios e cachoeiras, serão utilizados de forma constante, mesmo que não haja uma conexão visual direta com esses elementos, funcionando como uma espécie de sinal sempre presente. Um exemplo interessante é o som produzido pelos espinhos do cacto Mandacaru que, ao serem tocados, reproduzem um som semelhante ao de um riacho fluindo. Ao incorporar esse elemento, exploro a “ironia da natureza”, já que o Mandacaru é típico de uma região de seca, mas armazena água. Da mesma forma, a cidade apresentada no projeto é um lugar de "infinitas belezas", mas também o palco de inúmeras tragédias. Dualidades do mundo.

6.6. Personagem

Comporta é um filme profundamente centrado no personagem, com Glória carregando a narrativa através de suas sensações e conflitos interiores. Nesse sentido, o filme *Gloria* (2013), de Sebastián Lelio, serve como uma referência, ao apresentar uma protagonista em busca de si mesma e de seu destino, onde sua presença na tela é constante, sendo palco para suas frustrações e reflexões. Da mesma forma, o território é um elemento essencial na trama de *Comporta*, e explorar o ambiente ao redor dos personagens se torna vital para a construção de suas identidades. Acompanhamos Glória em seu retorno à cidade natal, onde tudo parece familiar, mas, ao mesmo tempo, estranhamente novo. Essa mudança de percepção reflete sua transformação interna e sua nova visão de mundo, uma dinâmica também vista na personagem Suely, de *O céu de Suely*, que retorna ao interior nordestino com sentimentos conflitantes de desejo e repulsa pelo lugar.

O aspecto visual de Glória é crucial para entender sua psique e sua desconexão com o território que a cerca. Ela não se encaixa nos padrões esperados de uma mulher do interior nordestino. Sua sexualidade e seu comportamento rompem com o que é aceito em uma sociedade impregnada de preconceitos, estereótipos e misoginia. As roupas largas e compridas, o cabelo curto e as cores que usa contrastam com o ambiente, reforçando sua sensação de deslocamento. Glória é uma estranha em seu próprio ninho, e essa estranheza se manifesta tanto em seu comportamento quanto em sua aparência, tornando o visual da personagem uma extensão de seus conflitos internos.

6.7. Montagem

O foco da montagem deste projeto é a permanência dos planos, remetendo a uma estética de montagem clássica. A edição se concentrará em cortes secos, que guiarão a narrativa linear dos personagens, mas sem perder a oportunidade de dar visibilidade a planos mais longos, essenciais para criar a atmosfera densa e a temporalidade arrastada do filme. Esses planos mais duradouros serão fundamentais para imergir o espectador na profundidade emocional e no ritmo da história. Já os cortes abruptos entre cenas, especialmente nas que remetem às memórias da personagem, serão conduzidos por elementos sonoros sutis que conectam as sequências, mantendo o aspecto seco e direto da transição entre os planos, mas preservando a fluidez sensorial da trama.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar Paulo Afonso, que por tanto tempo carregou a mesma paisagem em minha memória, se apresentou de formas diferentes ao longo desse percurso. Tanto eu quanto a minha personagem Glória confrontamos as memórias e transformações, percebendo que o lugar de origem é mais do que um cenário físico: é um agente que influencia e molda os conflitos internos e externos.

“Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois o rio já não é o mesmo, assim como o homem.” Assim como na frase de Heráclito (uma de suas versões está disposta no capítulo 3 deste projeto), *Comporta* também segue essa lógica de constante mudança. O território do qual parti, agora que retorno, já não é mais o mesmo, assim como eu também não sou. O que começou como uma busca por contar uma história, transformou-se em algo muito maior: um espelho do meu próprio processo de reinvenção. *Comporta* não é apenas uma simples história de retorno. Ele encapsula meu processo criativo, refletindo minha trajetória de introspecção e redescoberta das minhas origens. A história de Glória é alimentada pelas minhas vivências, e através dela consigo explorar e inventar um novo território que, embora familiar, agora se transforma a cada passo.

Ao longo desses quatro anos, *Comporta* passou por inúmeras mudanças e redirecionamentos. Assim como a água que percorre um rio, ela não encontra seu fim ao chegar ao mar, mas se transforma em ar, em céu, em chuva e retorna ao rio. O ciclo deste projeto também segue em constante movimento. Iniciado em 2020, durante um período de eleições municipais, parte dele se conclui em 2024, também em tempos de eleições, reforçando como tudo ao nosso redor — e dentro de nós — está sempre se reinventando.

Comporta é o reflexo do meu processo de criação, mas também de uma trajetória pessoal em que a busca por entender a minha relação com o território e minhas próprias inquietações me fizeram reavaliar constantemente o projeto. O filme, como o território, não é algo fixo ou definitivo. Ele se transforma à medida que eu me transformo, revelando novos significados e novas camadas a cada retorno. Esse ciclo de criação não termina aqui. Com o apoio da LPG e o contínuo desenvolvimento nos grupos de roteiro, *Comporta* seguirá evoluindo. O projeto se reinventa, assim como eu continuo a me reinventar como criador. O caminho pode não ser linear, mas ele é guiado por uma constante busca por entender, através da arte, as camadas de memória, identidade e pertencimento que moldam quem somos e o que criamos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A LONDONI Férfi (The Man from London). Direção: Béla Tarr, Ágnes Hranitzky. Hungria e Alemanha: T.T. Filmműhely, 2007. 1 DVD (132 min), son., preto e branco.

ALVES, Castro. **A cachoeira de Paulo Afonso**. In: ALVES, Castro. Os Escravos. 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1876.

BALBI, Henrique. “Parasita, Bong Joon-Ho e a lição artística de Martin Scorsese”. Época, Editora O GLOBO, 12 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/henrique-balbi/coluna-parasita-bong-joon-ho-a-licao-artistica-de-martin-scorsese-24244418>. Acesso em: 13 abr. 2020.

BARBOSA, Jorge Luiz. **A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social**. GeoGraphia, Ano II, n. 3, p. 69-82, 2000.

BARROS, Manoel de. **O Livro sobre Nada**. São Paulo: Alfaguara, 1996.

BRASIL (Governo Federal). IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021. Seção População. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Do que trata a Lei Paulo Gustavo?**. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/lei-paulo-gustavo>. Acesso em: 20 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim epidemiológico: Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. (Volume 52, nº 33).

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. **Cinema e construção cultural do espaço geográfico**. Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, v. 2, n. 3, p. 251-270, jan.-jun. 2013.

DEUX Jours, Une Nuit. Direção: Jean-Pierre Dardenne, Luc Dardenne. França: Les Films du Fleuve, 2014. 1 DVD (95 min), son., color.

DIELS, Hermann; KRANZ, Walther. **Fragmente der Vorsokratiker**. 6. ed. Zurique: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1951.

GALDINO, Antônio; MASCARENHAS, Sávio. **Paulo Afonso: de Pouso de Boiadas à Redenção do Nordeste**. Paulo Afonso: Editora Fonte Viva, 1995.

GLORIA. Direção: Sebastián Lelio. Chile: Fabula, 2013. 1 DVD (110 min), son., color.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Manual técnico da classificação de cor ou raça. 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2023.

KASTRUP, Virgínia. **Invenção**. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Livia do. MARASCHIN, Cleci (orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 139-142.

MEMORIA. Direção: Apichatpong Weerasethakul. Colômbia, Tailândia: Burning Blue, 2021. 1 DVD (136 min), son., color.

MISSOURI BOTANICAL GARDEN. Eichhornia crassipes (Water Hyacinth) - Plant Finder. Disponível em: <https://www.missouribotanicalgarden.org/PlantFinder/PlantFinderDetails.aspx?kempercode=a621>. Acesso em: 02 out. 2024.

O CÉU de Suely. Direção: Karim Aïnouz. Brasil: Videofilmes, 2006. 1 DVD (90 min), son., color.

O SOM ao Redor. Direção: Kleber Mendonça Filho. Brasil: CinemaScópio, 2012. 1 DVD (131 min), son., color.

OLIVEIRA JR., Luiz Carlos. **A mise en scène no cinema: Do clássico ao cinema de fluxo**. São Paulo: Papirus, 2014.

PARIS, Texas. Direção: Wim Wenders. Alemanha, França, Reino Unido: Road Movies Filmproduktion, 1984. 1 DVD (145 min), son., color.

PEREIRA, Júnia Cristina. **A identidade interrogada: processos de interpelação e de (des)racialização na performance parda**. Raído, Dourados, MS, v. 14, n. 34, p. 53-76, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/raido.v14i34.10935>.

POND INFORMER. Water Hyacinth (Eichhornia crassipes) Facts, Care & Planting. Disponível em: <https://pondinformer.com/water-hyacinth-eichhornia-crassipes/>. Acesso em: 02 out. 2024.

SANTANA, Fernanda. “Futuros apagados: mortes por autolesão cresceram 59% no interior baiano em 10 anos”. Editora Correio 24 horas. Bahia, 26 de setembro de 2020. Seção notícias. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/futuros-apagados-mortes-por-autolesao-cresceram-59-no-interior-baiano-em-10-anos/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SHARP Objects. Direção: Jean-Marc Vallée. EUA: HBO, 2018. 1 DVD (421 min), son., color. Série de TV.

APÊNDICE

APÊNDICE I – Fotografias durante meu retorno à Paulo Afonso em 2021.

Figura 17: Cânions do Rio São Francisco.



Fonte: Autor.

Figura 18: Mulher sobre a ponte Metálica. Ao fundo a Usina Hidrelétrica PA4.



Fonte: Autor.

Figura 19: Mosaico de imagens retratando momentos da procissão de São Francisco de Assis.



Fonte: Autor.

Figura 20: Mosaico de imagens retratando ruas de Paulo Afonso com as placas de avisos e o poste com as sirenes.



Fonte: Autor.

Figura 21: Monumento *O Touro e a Sucuri*.



Fonte: Autor.

Figura 22: Trecho do poema de Castro Alves *A Cachoeira de Paulo Afonso* gravada no muro com a ilustração da cachoeira.



Fonte: Autor.

Figura 23: Áreas arborizadas da cidade de Paulo Afonso.



Fonte: Autor.